







NA LIVRARIA DE
AGOSTINHO DE FREITAS GUIMARÃES & C.^a
MERCADORES DE LIVROS
IMPRESSOS E EM BRANCO, PAPEL ETC.
Rua do Sabão N.º 26
RIO DE JANEIRO

Castro Alves

A Cachoeira de Paulo Af-
fonso - Fragmento dos -
Escravos - sob o titulo de

Ms. de Steno -
2ª ed. aumentada.

Rio de Janeiro - 1882

Je ne sais vraiment si j'aurai mérité qu'on dépose un jour un laurier sur mon cercueil. La poésie, quelque soit mon amour pour elle, n'a toujours, été pour moi qu'un moyen consacré pour un but saint.

Je n'ai jamais attaché un trop grand prix à la gloire de mes poèmes, et peu m'importe qu'on les loue, ou qu'on les blâme. Mais ce sera un glaive, que vous devez placer sur ma tombe, car j'ai été un brave soldat dans la guerre de délivrance de l'humanité.

H. HEINE (*Reisebilder*).

A TARDE

Era a hora em que a tarde se debruça
Lá da crista das serras mais remotas.
E d'araponga o canto, que soluça,
Acorda os echos nas sombrias grotas ;
Quando sobre a lagoa, que s'embuça,
Passa o bando selvagem das gaivotas. . .
E a onça sobre as lapas salta urrando
Da cordilheira os visos abalando.

Era a hora, em que os cardos rumorejam,
Como um abrir de boccas inspiradas,
E os angicos as comas espanejam
Pelos dedos das auras perfumadas...
A hora, em que as gardenias, que se beijam,
São timidas, medrosas desposadas ;
E a pedra... a flôr. as selvas... os condores
Gaguejam... fallam... cantam seus amores !

Hora meiga da tarde ! Como és bella
Quando surges do azul da zona ardente !
— Tu és do ceu a pallida donzella,
Que se banha nas thermas do oriente...,
Quando é gotta do banho cada estrella,
Que te rola da espadua refulgente...
E—prendendo-te a transa a meia lua
Te enrolas em neblinas semi-núa !..

Eu amo-te, ó mimosa do infinito !
Tu me lembras o tempo, em que era infante.
Inda adora-te o peito do precito
No meio do martyrio excruciante ;

E, se não te dá mais da infancia o grito
Que menino elevava-te arrogante,
É que agora os martyrios foram tantos,
Que mesmo para o riso só tem prantos !...

Mas não me esqueço nunca dos fragedos
Onde infante selvagem me guiavas,
E os ninhos do *sóffrer* que entre os sylvedos
Da embaiba nos ramos me apontavas ;
Nem mais tarde, dos languidos segredos
Do amor do nenuphar que enamoravas.
E as transas mulheris da granadilha !..
E os abraços fogosos da baunilha !...

E te amei tanto—cheia de harmonias,
A murmurar os cantos da serrana,
A lustrar o broquel das serranias,—
A dourar dos rendeiros a cabana..
E te amei tanto—á flôr das agoas frias—
Da lagôa agitando a verde canna,
Que sonhava morrer entre os palmares,
Fitando o ceu ao tom dos teus cantares !..

Mas hoje, da procella aos estridores,
Sublime, desgrenhada sobre o monte,
Eu quizera fitar-te entre os condores
Das nuvens arruivadas do horisonte...
— Para então —, do relampago aos livores,
Que descobrem do espaço a larga fronte,
Contemplantando o infinito. na floresta,
Rolar ao som da funeral orchestra !!

MARJA

Onde vaes á tardesinha,
Mucama tão bonitinha,
Morena flor do sertão?
A gramma um beijo te furta
Por baixo da saia curta,
Que a perna te esconde em vão...

Mimosa flor das escravas !
O bando das rôlas bravas
Voou com medo de ti !.
Levas hoje algum segredo...
Pois te voltaste com medo
Ao grito do *bem-te-vi* !

Serão amores devéras ?
Ah ! Quem dessas primaveras
Podesse a flor apanhar !
E contigo, ao tom d'aragem,
Sonhar na rêde selvagem...
A' sombra do azul palmar !

Bem feliz quem na viola
Te ouvisse a moda hespanhola
Da lua ao frouxo clarão...
Com a luz dos astros—por cirios,
Por leito—um leito de lyrios.
E por tenda a solidão !

. O BAILE NA FLOR

Que bellas as margens do rio possante,
Que ao largo espumante campêa sem par!...
Ali das bromelias nas flores douradas
Ha sylphos e fadas, que fazem seu lar...

E em lindos cardumes
Subtis vagalumes
Accedem os lumes
P'ra o baile na flor.

E então nas arcadas
Das pet'las douradas
Os grillos em festa
Começam na orchestra
Febris á tocar .

E as breves
Phalenas
Vão leves,
Serenas,
Em bando
Girando,
Walsando
Voando
No ar !.

NA MARGEM

Vamos ! vamos ! Aqui por entre os juncos
Eil-a a canôa, em que eu pequena outr'ora
Voava nas marêtas... Quando o vento,
Abrindo o peito á camisinha humida,
Pela testa enrolava-me os cabellos,
Ella voava qual marêta brava
No dorso crespo da feral enchente !

Voga, minha canôa ! Voga ao largô !
Deixa a praia, onde a vaga morde os juncos,
Como na matta os caititús bravios.

Filha das ondas ! andorinha arisca !
Tu, que outr'ora levavas minha infancia
— Pulando alegre no espumante dorso
Dos cães marinhos a morder-te a prôa—,
Leva-me agora a mocidade triste
Pelos ermos do rio ao longe .. ao longe...

Assim dizia a Escrava...

Iam cahindo

Dos dedos do crepusc'lo os véus de sombra,
Com que a terra se vela, como noiva,
Para o doce hymeneu das noites limpidas...

Lá no meio do rio, que scintilla,
Como o dorso de enorme crocodillo,
Já manso e manso escôa-se a canôa.

Parecia, assim vista ao sol poente,
Esses ninhos, que tombam sobre o rio,
E onde em meio das flores vão chilrando
—Alegres sobre o abysmo —os passarinhos!...

.....

Tu guardas algum segredo?...
 Maria, estás á chorar!
 Onde vás? Porque assim foges
 Rio á baixo á deslisar?

Pedra, não tens o teu musgo?
 Não tens um f vonio— flor?
 Estrella— não tens um lago?
 Mulher—não tens um amor?

A QUEIMADA

Meu nobre perdigueiro ! vem comigo.
Vamos a sós, meu corajoso amigo,
Pelos ermos vagar !
Vamos lá-dos geraes, que o vento açoita
Dos verdes capinaes n'agreste moita
A perdiz levantar !...

Mas não !... Pousa a cabeça em meus joelhos...

Aqui, meu cão !... Já de listrões vermelhos

O céu se illuminou.

Eis subito, da barra do occidente,

Doudo, rubro, veloz, incandescente,

O incendio que acordou !

A floresta rugindo as comas curva...

As azas foscas o gavião recurva,

Espantado a gritar.

O estampido estupendo das queimadas

Se enrola de quebradas em quebradas

Galopando no ar.

E a chamma lavra qual giboia informe,

Que, no espaço vibrando a cauda enorme,

Ferra os dentes no chão...

Nas rubras roscas estortega as mattas...

Que espadanam o sangue das cascatas

Do roto coração !...

O incendio—leão ruivo, ensanguentado,
A juba, a crina atira desgrenhado
Aos pampeiros dos céus !...
Travou-se o pugilato... e o cedro tomba...
Queimado... retorcendo na hecatomba
Os braços para Deus.

A queimada ! A queimada é uma fornalha !
A hirara pula ! o cascavel chocalha...
Raiva, espuma o tapir !
E ás vezes sobre o cume de um rochedo
A corça e o tigre — naufragos do medo —
Vão tremulos se unir !

Então passa-se ali um drama augusto...
N'ultimo ramo do páu d'arco adusto
O jaguar se abrigou...
Mas rubro é o céu... Recresce o fogo em mares,
E após tombam as selvas seculares...
E tudo se acabou !...

LUCAS

Quem fosse n'aquella hora,
Sobre algum tronco lascado,
Sentar-se no descampado
Da solitaria ladeira,
Veria descer da serra,
Onde o incendio vae sangrento,
A passo tardio e lento,
Um bello escravo da terra
Cheio de viço e valôr.

Era o filho das florestas !
Era o escravo lenhador !

Que bella testa espaçosa,
E sob o chapéu de couro
Que cabelleira abundante !
De marchetada giboia
Pende-lhe a rasto o facão...
E assim... erguendo o machado
Na breve e robusta mão...
Aquelle vulto soberbo,
— Vivamente alumiado,
Atravessa o descampado,
Como uma estatua de bronze
Do incendio ao fulvo clarão.

Desceu a encosta do monte,
Tomou do rio o caminho...
E foi cantando baixinho,
Como quem canta p'ra si.
Era uma dessas cantigas
Que elle um dia improvisara,
Quando junto da coivára
Faz-se o escravo — trovador ;

Era um canto languroso,
Selvagem, bello, vivace,
Como o canço que nasce
Sob os raios do Equador.
Eu gosto dessas cantigas,
Que me vem lembrar a infancia ,
São minhas velhas amigas,
Por ellas morro de amor . . .
Deixae ouvir a toada
Do captivo lenhador.

E o sertanejo assim solta a tyrana
Descendo lento p'ra a servil cabana :

TYRANA

« Minha Maria é bonita,
Tão bonita assim não ha ;
O beiju-flor quando passa
Julga ver o manacá.

« Minha Maria é morena
Como as tardes de verão ;
Tem as tranças da palmeira
Quando sopra a viração.

« Companheiros ! o meu peito
Era um ninho sem senhor ;
Hoje tem um passarinho
P'ra cantar o seu amor.

« Trovadores da floresta !
Não digão a ninguém, não !..
Que Maria é a baunilha
Que me prende o coração.

« Quando eu morrer só me enterrem
Junto ás palmeiras do val,
Para eu pensar que é Maria
Que geme no taquaral... »

A SENZALA

Qual o veado, que buscou o aprisco,
Balindo arisco, para a serra corre...
Ou como pombo, que os arrullos solta,
Se ao ninho volta quando a tarde morre...

Assim, cantando a pastoril ballada,
Já na explanada o lenhador chegou.
Para a cabana da gentil Maria
Com que alegria a suspirar marchou !

Eil-a a casinha . . . tão pequena e bel
Como é singela com seus brancos m
Que liso tecto de sapé dourado !
Que ar engraçado ! que perfumes pu

Abre a janella para o campo verde,
Que alem se perde pelos serros nús . . .
A testa enfeitada da infantil choupana
Verde liana de festões azues.

E' este o galho da rolinha brava,
Aonde a escrava seu viver abriga . . .
Canta a jandaia sobre a curva rama
E alegre chama sua dona amiga.

Aqui n'aurora, abandonando os ninhos
Os passarinhos vem pedir-lhe pão ;
Pousam-lhe alegres nos cabellos bastos
Nos seios castos, na pequena mão.

Eis o painel encantado,
Que eu quiz pintar, mas não pude...
Lucas melhor o traçara
Na canção suave e rude.
Vêde que olhar, que sorriso
S'espande no bronzeo rosto,
Vendo o lar do seu amor...
Ai ! Da luz do Paraizo
Bate-lhe em cheio o fulgor.

ÞJAŁPǪǪP ÞPǪS FǪMǪS

E chegou-se p'ra a vivenda
Risonho, calmo, feliz...
Escutou. mas só ao longe
Cantavam as juritis..
Murmurou : « Vou surp'rendel-a !
E a porta ao toque cedeu...
« Talvez agora sonhando
Diz meu nome o labio seu,
Que a dormir nada prevê... »

E o echo responde : — Vê !...

« Como a casa está tão triste !
Que aperto no coração !.
Maria !... Ninguém responde !
Maria, não ouves, não ?...
Aqui vejo uma saudade
Nos braços de sua cruz...
Que querem dizer taes prantos,
Que rolaram tantos, tantos
Sobre as faces da saudade,
Sobre os braços de Jesus ?
Oh ! quem me empresta uma luz ?.
Quem me arranca a anciedade,
Que no meu peito nasceu ?
Quem d'este negro mysterio
Me rasga o sombrio veu ?... »

E o echo responde : — Eu !.

E chegou-se para o leito
Da casta flor do sertão...
Apertou co'a mão convulsa
O punhal e o coração !
Stava indo tepido o ninho

Cheio de aromas suaves.
E — como a penna que as aves
Deixam no musgo ao voar —
Um anel de seus cabellos
Jazia cortado á esmo
Como reliquia no altar ! . . .
Talvez prendendo nos élos
Mil suspiros, mil anhelos,
Mil soluços, mil desvellos,
Que ella deu-lhes p'ra guardar !.

E o pranto em baga a rolar .

« Onde a pomba foi perder-se ?
Que ceu minha estrella encerra ?
Maria, pobre creança,
Que fazes tu sobre a terra ? »

E o echo responde — Erra !

« Partiste ! nem te lembraste
D'este martyrio sem fim !...
Não ! perdôa. tu choraste
E os prantos, que derramaste,
Foram vertidos por mim..
Houve pôis um braço extranho
Robusto, feroz, tamanho,
Que pode esmagar-te assim ?...

E o echo responde — Sim !

E rugiu : « Vingança ! guerra !
Pela flor, que me deixaste,
Pela cruz, em que resaste,
E que teus prantos encerra !
Eu juro guerra de morte
A' quem feriu desta sorte
O anjo puro da terra.
Vê como este braço é forte !
Vê como é rijo este ferro !
Meu golpe é certo. não erro.

Onde ha sangue, sangue escorre !...
Villão ! Deste ferro e braço,
Nem a terra, nem o espaço,
Nem mesmo Deus te soccorre ! ! . .»

E o echo responde—Corre !

Como o cão elle em torno o ar aspira,
Depois se arientou ;
Fareja as hervas. descobriu a pista
E rapido marchou.

.... ..

No entanto sobre as aguas, que scintillam,
Como o dorso de enorme crocodillo,
Já manso e manso escôa-se a canôa ;
Parecia assim vista — ao 'sol poente—
Esses ninhos, que o vento lança as aguas,
E' que na enchente vão boiando a tôa !



ρ NADAPPOR

Eil-o que ao rio arroja-se ;
As vagas bipartiram-se ;
Mas rijas contrahiram-se
Por sobre o nadador. .
Depois s'entreambre lugubre
Um circulo symbolico. .
É o riso diabolico
Do pego zombador !

Mas não! Do abysmo indomito
Surge-me um rosto pallido,
Como o Neptuno esqualido
Que amaina a crina ao mar ;
Fita o batel longinquo
Na sombra do crepusculo,
Rasga com ferreo musculo
O rio par á par.

Vagas! Dalilas perfidas!
Moças, que abris um tumulo,
Quando do amor no cumulo
Fingis nos abraçar!
O nadador intrepido
Vos toca as têtas cerulas..
E após — zombando — as perolas
Vos quebrá do collar.

Vagas, curvae-vos timidias!
Abri fileiras pavidias
Ás mãos possantes, avidias
Do nadador audaz,

Bello de força olympica
— Soltos cabellos humidos —
Braços herculeos, tumidos.
É o rei dos vendavaes !

Mas ai ! Lá ruge proxima
A correnteza horrida,
Como da zona torrida
A boicininga á urrar...
É lá que o rio indomito,
Como o corcel da Ukrania,
Rincha á saltar de insania,
Treme e se atira ao mar.

Tremeste ? Não, qu'importa-te
Da correnteza o estridulo ?
Se ao longe vês teu idolo,
Ao longe irás tambem..
Salta á garupa humida
Deste corcel titanico...
— Novo Mazzeppa oceanico —
Alem ! alem ! alem !.

NO BARCO

— Lucas ! — Maria ! murmuram juntos...
E a moça em pranto lhe cahiu nos braços.
Jamais a parasita em floeos laços
Assim ligou-se ao piquiá robusto...

Eram-lhe as tranças á cair no busto
Os esparsos festões da granadilha...
Tepido aljofar o seu pranto brilha,
Depois resvalo no moreno seio...

Oh ! doces horas de suave enleio !
Quando o peito da virgem mais arqueja,
Como o casal da rola sertaneja,
Se a ventania lhe sacode o ninho.

Contae, ó brisas, mas contae baixinho !
Passae, ó vagas . . . , mas passae de manso !
Não perturbeis-lhe o placido remanso,
Vozes do ar ! emanações do rio !

« Maria, falla ! » — « Que acordar sombrio »,
Murmura a triste com um sorriso louco,
« No Paraizo eu descansava um pouco.
Tu me fizeste despertar na vida . .

« Porque não me deixaste assim pendida
Morrer co'a fronte occulta no teu peito ?
Lembrei-me os sonhos do materno leito
Nesse momento divinal . . . Qu'importa ? . .

« Toda esperança para mim 'stá morta...
Sóu flor manchada por cruel serpente...
Só de encontro nas rochas pode a enchente
Lavar-me as nodoas, m'esfolhando a vida.

« Deixa-me ! Deixa-me á vagar perdida...
Tu ! — parte ! volve para os lares teus.
Nada perguntes. é um segredo horrivel...
Eu te amo ainda. mas agora — adeus ! »

ADEUS

— Adeus — Ai ! creança ingrata !
Pois tu me disseste — adeus — ?
Loucura ! melhor seria
Separar a terra e os céus .

« — Adeus ! — palavra sombria !
De uma alma gelada e fria
E's a derradeira flor .

— Adeus ! — miseria ! mentira
De um seio, que não suspira,
De um coração sem amor.

« Ai, Senhor ! A rola agreste
Morre se o par lhe faltou.
O raio que abraza o cedro
A parasita abraçou.

« O astro namora o orvalho :
— Um é a estrella do galho,
— Outro o orvalho da amplidão.

Mas, á luz do sol nascente,
Morre a estrella — no poente !
O orvalho — morre no chão !

« Nunca as neblinas do valle
Souberam dizer-se — adeus —
Se unidas partem da terra,
Perdem-se unidas nos ceus.

« A onda expira na plaga,
Porém vem logo outra vaga
P'ra morrer da mesma dôr . . .

— Adeus — palavra sombria !
Não digas — adeus —, Maria !
Ou não me falles de amor ! »



MUDOS E QUEDOS

E calado ficou. Do pranto as bagas
Pelo moreno rosto deslisaram,
Qual da b'raúna, que o machado fere,
Lagrimas saltam de um sabor amargo.

Mudos, quedos os dous neste momento
Mergulhavam no dedalo da angustia,
No Labyrintho escuro da desgraça...
Labyrintho sem luz, sem ar, sem fio...

Que dor, que drama torvo de agonias
Não vae n'aquellas almas ! ... Dor sombria
De ver quebrado aquelle amor tão santo,
De lembrar que o passado está passado....
Que a esperança morreu, que surge a morte ! ...
Tanta illusão ! .. tanta caricia meiga ! ...
Tanto castello de ventura feito
A' beira do riacho, ou na campanha ! ...
Tanto extase innocente de amorosos ! ...
Tanto beijo na porta da choupana,
Quando a lua invejosa no infinito
Com uma benção de luz sagrava os noivos ! ...

Não mais ! não mais ! O raio, quando esgalha
O ipé secular, atira ao longe
Flores, que ha pouco se beijavam n'hastea,
Que unidas nascem, juntas viver pensam,
E que jamais na terra hão de encontrar-se.

Passou-se muito tempo... Rio á baixo
A canôa corria ao tom das vagas.
De repente elle ergueu-se hirto, severo,
— O olhar em fogo, o riso convulsivo —
Em golfadas lançando a voz do peito ! ...

« Maria ! diz-me tudo... Falla ! falla
Em quanto eu posso ouvir... Creança, escuta !
Não vês o rio ?... é negro !... é um leito fundo...
A correnteza estrepitando arrasta
Uma palmeira, quanto mais um homem !...
Pois bem ! Do seio turgido do abysmo
Ha de romper a maldição do morto ;
Depois o meu cadaver negro, livido,
Irá seguindo a esteira da canôa
Pedir-te inda que falles, desgraçada,
Que ao morto digas o que ao vivo occultas !... »

Era tremenda aquella dôr selvagem,
Que rebentava emfim, partindo os diques
Na furia desmedida !...

Em meio ás ondas

Ia Lucas rolar..

Um grito fraco,
Uma tremula mão susteve o escravo...
E a pallida creança, desvairada,
Aos pés cahiu-lhe á desfazer-se em pranto.

Ella encostou-se ao peito do selvagem
— Como a violeta, as faces escondendo
Sob a chuva nocturna dos cabellos — !
Lenta e sombria após contou d'est'arte
A trega historia desse tredo crime !...



NA FONTE

I

« Era hoje ao meio dia.
Nem uma brisa macia
Pela savana bravia
Arrufava os hervaçaes.
Um sol de fogo abrazava ;
Tudo a sombra procurava ;
Só a cigarra cantava
No tronco dos coqueiraes.

II

« Eu cobri-me da mantilha,
Na cabeça puz a bilha,
Tomei do deserto a trilha,
Que lá na fonte vae dar.
Cançada cheguei na matta :
Alli, na sombra, a cascata
As alvas tranças desata
Como nu'a moça á brincar.

III

« Era tão densa a espessura !
Corria a brisa tão pura !
Reinava tanta frescura,
Que eu quiz me banhar alli,
Olhei em roda... Era quedo
O matto, o campo, o rochedo..
Só nas galhas do arvoredó
Saltava alegre o sagui.

IV

« Junto ás agoas crystalinas
Despi-me louca, traquinas,
E as roupas alvas e finas
Atirei sobre os cipós.
Depois mirei-me innocente,
E ri vaidosa... e contente..
Mas voltei-me de repente...
Como que'ouvira uma voz !

V

« Quem foi que passou ligeiro,
Mechendo alli no engazeiro,
E se embrenhou no balseiro,
Rachando as folhas do chão ?...
Quem foi ? — Da matta sombria
Uma vermelha cotia
Saltou timida e bravia,
Em procura do sertão.

VI

« Chamei-me então de creança ;
A' meus pés a onda mansa
Por entre os juncos s'entrança
Como uma cobra á fugir !
Mergulho o pé docemente ;
Com o frio fujo á corrente...
De um salto após de repente
Fui dentro d'agua cair.

VII

« Quando o sol queima as estradas,
E nas varzeas abrazadas
Do vento as quentes lufadas
Erguem novellos de pó,
Como é doce em meio as cannas,
Sob um tecto de lianas,
Das ondas nas espadanas
Banhar-se despida e só !..

VIII

« Rugitavam os palmares..
Em torno dos nenuphares
Zumbiam pejando os ares
Mil insectos de rubim.
Eu n'aquelle leito brando
Rolava alegre cantando...
Subito... um ramo estalando
Salta um homem junto á mim ! »



NOS CAMPOS

« Fugi desvairada !
Na moita intrincada,
Rasgando uma estrada,
Fugaz me embrenhei.
Apenas vestindo
Meus negros cabellos,
E os seios cobrindo
Com os tremulos dedos,
Ligeira voei !

« Saltei as torrentes.
Trepei dos rochedos
Aos cimos ardentes.
Nos invios caminhos,
Cobertos de espinhos,
Meus passos mesquinhos
Com sangue marquei !

.....

« Avante ! corramos !
Corramos ainda !...
Da selva nos ramos
A sombra é infinda.
A matta possante
Ao filho arquejante
Não nega um abrigo.
Corramos ainda !
Corramos ! avante !

« Debalde ! a floresta
— Madrasta impiedosa
A pobre chorosa
Não quiz abrigar !

« Pois bem ! Ao deserto !

« De novo é loucuro !
Seguindo meus traços
Escuto seus passos
Mais perto ! mais perto !
Já queima-me os hombros
Seu halito ardente.
Já vejo-lhe a sombra
Na humida alfombra...
Qual negra serpente,
Que vae de repente
Na presa saltar !...

.....

Na douda
Corrida,
Vencida,
Perdida,
Quem me ha de salvar ?

NO MONTE

« Parei... Volvi em torno os olhos assombrados...
Ninguem ! A solidão pejava os descampados !...
Restava inda um segundo..um só p'ra me salvar;
Então reuni as forças, ao ceu erguí o olhar...
E do peito arranquei um pavoroso grito,
Que foi bater em cheio ás portas do infinito !
Ninguem! Ninguem me acode... Ai! só de monte em monte
Meu grito ouvi morrer na extrema do horisonte !...
Depois a solidão ainda mais calada
Na mortalha envolveu a serra destampada !

« Ai ! que pode fazer a rôla triste
Se o gavião nas garras a espedaça ?
Ai ! que faz o cabrito no deserto,
Quando a giboia no potente aperto
Em roscas ferreas o seu corpo enlaça ?

« Fazem, como eu... Resistem, batem, luctam,
E finalmente expiram de tortura...
Ou, se escapam trementes, arquejantes,
Vão, lambendo as feridas gottejantes,
morrer á sombra da floresta escura !...

« E agora está concluida
Minha historia desgraçada.
Quando cahi—era virgem,
Quando ergui-me—deshonrada ! »

SANGUE DE AFRICANO

Aqui sombrio, fero, delirante
Lucas ergueu-se como o tigre bravo...
Era a estatua terrivel da vingança...
O selvagem surgiu.. sumiu-se o escravo.

Crispado o braço, no punhal segura !
Do olhar sangretos raios lhe resaltam,
Qual das janellas de um palacio em chammas
As labaredas, irrompendo, saltam.

Com o gesto bravo, sacudido, fero,
A dextra ameaçando a immensidade.
Era um bronze de Achilles furioso
No punho concentrando a tempestade !

No peito arcando o coração sacode
O sangue que da raça não desmente,
Sangue queimado pelo sol da lybia,
Que ora referve no Equador ardente.

AMANTE

« Basta, creança ! Não soluces tanto . . .
Enchuga os olhos, meu amor, euchuga !
Que culpa tem a clicia descahida
Se abelha envenenada o mel lhe suga ?

« Basta ! Esta faca já contou mil gottas
De lagrimas de dôr nos teus olhares.
Surri, Maria ! Ella jurou pagar-t'as
No sangue d'elle em gottas aos milhares.

« Porque voves os olhos desvairados ?
Porque tremes assim, fragil creança ?
Est'alma é como o braço, o braço é ferro,
E o ferro sabe o trilho da vingança.

« Se a justiça da terra te abandona,
Se a justiça do céu de ti se esquece,
A justiça do escravo está na força...
E quem tem um punhal nada carece !...

« Vamos ! Acaba a historia... Lança a presa...
Não vês meu coração, que sente fome ?
Amanhã chorarás ; mas de alegria !
Hoje é preciso me dizer—seu nome ! »



ANJO

« Ai ! que vale a vingança, pobre amigo,
Se na vingança a honra não se lava ?...
O sangue é rubro, a virgindade é branca —
O sangue augmenta da vergonha a bava.

« Se nós fomos sómente desgraçados,
Para que miseraveis nos fazermos ?
Deportados da terra assim perdemos
De além da campa as regiões sem termos.

« Ai ! não manches no crime a tua vida,
Meu irmão, meu amigo, meu esposo !..
Seria negro o amor de uma perdida
Nos braços á sorrir de um criminoso !... »



DESESPERO

« Crime ! Pois será crime se a giboia
Morde silvando a planta, que a esmagara ?
Pois será crime se o jaguar nos dentes
Quebra do indio a perfida taquara ?

« E nós que somos, pois ? Homens ? Loucura ?
Familia, leis e Deus lhe coube em sorte.
A familia no lar, a lei no mundo. .
E os anjos do Senhor depois da morte.

« Tres leitos, que succedem-se macios,
Onde rolam na santa ociosidade...
O pae o embala. a lei o acaricia.
O padre lhe abre a porta á eternidade.

« Sim ! Nós somos reptis... Qu'importa especie
— A lesma é vil,—o cascavel é bravo.
E vens fallar de crimes ao captivo ?
Então não sabes o que é ser escravo !...

« Ser escravo—é nascer no alcouce escuro
Dos seíos infamados da vendida...
Filho da perdição no berço impuro
Sem leite para a bocca resequida.
É mais tarde, nas sombras do futuro,
Não descobrir estrella foragida...
E' ver—viajante morto de cansaço —
A terra—sem amor !... sem Deus—o espaço

« Ser escravo—é, dos homens repellido,
Ser tambem repellido pela féra ;
Sendo dos dous irmãos pasto querido,
Que o tigre come e o homem dilacera...

— E' do lodo no lodo sacudido
Vêr que aqui ou além nada o espera,
Que em cada leito novo ha mancha nova...
No berço. após no tóro... após na cova! .

« Crime ! Quem te fallou, pobre Maria,
Desta palavra estúpida ?. Descansa !
Foram elles talvez !!. E' zombaria...
Escarnecem de ti, pobre creança !
Pois não vês que morremos todo dia
Debaixo do chicote, que não cansa ?
Em quanto do assassino a fronte calma
Não revela um remorso de sua alma ?

« Não ! Tudo isto é mentira ! O que é verdade
E' que os infames tudo me roubaram...
Esperança, trabalho, liberdade
Entreguei-lhes em vão.. não se fartaram.
Quizeram mais... Fatal voracidade !
Nos dentes meus amor espedaçaram..
Maria ! Ultima estrella de minh'alma !
O que é feito de ti, virgem sem palma ?

« Pomba—em teu ninho as serpes te morderam.
Folha—rolaste no paul sombrio.
Palmeira — as ventanias te romperam.
Corça—afogaram-te as caudaes do rio.
Pobre flôr—no teu calice beberam,
Deixando-o depois triste e vazio. . .
— E tu, irmã ! e mãe ! e amante minha !
Queres que eu guarde a faca na bainha !

« O' minha mãe ! ó martyr africana,
Que morreste de dôr no captiveiro !
Ai ! sem quebrar aquella jura insana,
Que jurei no teu leito derradeiro,
No sangue desta raça impia, tyranna
Teu filho vae vingar um povo inteiro !.
Vamos, Maria ! Cumpra-se o destino. . .
Dize ! dize-me o nome do assassino !. . . »

« Virgem das Dôres
Vem dar-me alento,
Neste momento
De agro soffrer !

Para ocultar-lhe
Busquei a morte..
Mas vence a sorte,
Deve assim ser.

..

« Pois que seja ! Debalde pedi-te,
Ai ! debalde a teus pés me rojei. . .
Porém antes escuta esta historia. . .
Depois della. . . o *seu* nome direi ! »



HISTORIA DE UM CRIME

« Fazem hoje muitos annos
Que de uma escura senzala
Na estreita e lodosa sala
Arquejava u'a mulher.
Lá fora por entre as urzes
O vendaval s'extorcia..
E aquella triste agonia
Vinha mais triste fazer.

« A pobre soffria muito.
Do peito cançado, exangue,
A's vezes rompia o sangue
E lhe inundava os lençóes.
Então, como quem se agarra
A's ultimas esperanças,
Duas pavidas creanças
Ella olhava... e ria após.

« Que olhar ! que olhar tão extenso !
Que olhar tão triste e profundo !
Vinha já de um outro mundo,
Vinha talvez lá do céu.
Era o raio derradeiro,
Que a lua, quando se apaga,
Manda por cima da vaga
Da espuma por entre o véu.

« Ainda me lembro agora
Daquella noite sombria,

Em que u'a mulher morria
Sem rezas, sem oração !.
Por padre — duas creanças...
E apenas por sentinella
Do Christo a face amarella
No meio da escuridão.

« A's vezes n'aquella fronte
Como que a morte pousava
E da agonia aljofrava
O derradeiro suor...
Depois acordava a martyr,
Como quem tem um segredo...
Ouvia em torno com medo,
Com susto olhava em redor.

« Emfim, quando noite velha
Pesava sobre a mansarda,
E sómente o cão de guarda
Ladrava aos ermos sem fim,

Ella, nos braços sangrentos
As creanças apertando,
N'um tom meigo, triste e brando
Poz-se a fallar-lhes assim :



ULTIMO ABRAÇO

« Filho, adeus ! Já sinto a morte,
Que me esfria o coração.
Vem cá... Dá-me a tua mão..
Bem vês que nem mesmo tu
Podes dar-lhe novo alento !...
Filho, é o ultimo momento...
A morte — a separação !
Ao desamparo, sem ninho,
Ficas, pobre passarinho.

Neste deserto profundo,
Pequeno, captivo e nú!..

« Que sina, meu Deus ! que sina
Foi a minha neste mundo !
Presa ao céo — pelo desejo,
Presa á terra — pelo amor !.. .
Que importa ! é tua vontade ?
Pois seja feita, Sennor !

« Pequei !.. . foi grande o meu crime,
Mas é maior o castigo ..
Ai ! não bastava a amargura
Das noites ao desabrigo ;
De espedaçarem-me as carnes
O tronco, o açoite, a tortura,
De tudo quanto soffri.
Era preciso mais dores,
Inda maior sacrificio...
Filho ! bem vês meu supplicio .
Vão separar-me de ti !

« Chega-te perto . . mais perto ;
Nas trevas procura ver-te
Meu olhar, que treme incerto,
Perturbado, vacillante . . .
Deixa em meus braços prender-te
P'ra não morrer neste instante ;
Inda tenho que fazer-te
Uma triste confissão . . .
Vou revelar-te um segredo
Tão negro, que tenho medo
De não ter o teu perdão ! . . .

Mas não !

Quando um padre nos perdôa,
Quando Deus tem piedade,
De um filho no coração
Uma mãe não bate á tôa.

MÃE PENITENTE

« Ouve-me, pois! . . . Eu fui uma perdida ;
Foi este o meu destino, a minha sorte . .
Por esse crime é que hoje perco a vida,
Mas delle em breve ha de salvar-me a morte !

« E minh'alma, bem vês, não se irrita,
Antes bemdiz estes mandões ferozes,
Eu seria talvez por ti maldita,
Filho ! sem o baptismo dos algozes !

« Porque eu pequei.. e do peccado escuro
Tu foste o fructo candido innocente,
— Borboleta, que sae do lodo impuro...
— Rosa, que sae de — putrida semente !

« Filho! Bem vês.. fiz o maior dos crimes :
— Criei um ente para a dôr e a fome!
Do teu berço escrevi nos brancos vimes
O nome de bastardo—impuro nome.

« Por isso agora tua mãe te implora
E á teus pés de joelhos se debruça.
Perdôa á triste— que de angustia chora,
Perdôa á martyr—que de dôr soluça !

« Mas um gemido a meus ouvidos sôa.
Que pranto é este que em meu seio róla ?
Meu Deus, é o pranto seu que me perdôa.
Filho, obrigada pela tua esmola ! »

O SEGREDO

« Agora vou dizer-te porque morro ;
Mas has de jurar primeiro,
Que jámais tuas mãos innocentes
Feriráo meu algoz derradeiro.
Meu filho, eu fui a victima
Da raiva e do ciume.
Matou-me como um tigre carniceiro,
Bem vês,

Uma branca mulher, que em si resume
Do tigre—a malvadez,
Do cascavel—o rancor !...

Deixo-te pois...

— Um grito de vingança ?

— Não, pobre creança !..

Um crime á perdoar... o que é melhor !..

« Depois, teve razão.. Esta mulher
E' tua e minha *senhora* !.

.....

« Lucas, silencio ! que por ella implora
Teu pae. e teu irmão !.

« Teu irmão, que é seu filho.. (ó magoa e dôr
Teu pae—que é seu marido.. e teu senhor!..

« Juras não te vingar ? — O' mãe, eu juro
Por ti, pelos beijos teus !

« —Obrigada ! agora.. agora
Já nada mais me demora...
Deus ! — recebe a peccadora !
Filho ! — recebe este adeus ! »

Quando, rompendo as barras do oriente,
A estrella da manhã mais desmaiava,
E o vento da floresta ao céu levava
O canto jovial do *bem-te-vi* ;
Na casinha de palha uma creança,
Da defunta abraçando o corpo frio,
Murmurava chorando em desvario :
—Eu não me vingou, ó mãe... juro por ti !..—

Maria calou-se... Na frente do escravo
Suor de agonia gelado passou ;
Com riso convulso murmura : « Que importa
Se o filho da escrava na campa jurou ? ! »

« Que tem o passado com crime de agora !
Que tem a vingança, que tem com o perdão ? »
E como arrancando do craneo uma idéa
Na fronte corria-lhe a gellida mão.

« Esquece o passado !... Que morra no olvido..
Ou antes relembra-o cruento, feroz !
Legenda de lodo, de horror e de crimes
E gritos de victima e risos de algoz !

« No frio da cova que jaz na esplanada,
—Vingança—murmuram os ossos dos meus !

—« Não ouves um canto, que passa nos ares
—Perdôa !— respondem as almas nos ceus !

—« São longos gemidos do seio materno
Lembrando essa noite de horror e traição ! »

—« E' o flebil suspiro do vento, que outr'ora
Bebêra nos labios da morta o perdão !... »

E descaiu profundo
Em longo meditar...
Após sombrio e fero
Viram-n'ó murmurar :

« Mãe ! na região longinqua
Onde tua alma vive,
Sabes que eu nunca tive
Um pensamento vil.
Sabes que esta alma livre
Por ti curvou-se escrava ;
E devorou a bava.
E tigre —foi reptil !

« Nem um tremor correra-me
A face fustigada !
Beijei a mão armada
Com o ferro que a feriu...
Filho, de um pae miserrimo
Fui o fiel rafeiro...
Caim, irmão traioeiro !
Feriste. e Abel sorriu,

« De tanto horror o cumulo,
O' mãe, alma celeste,
Se perdoar quizeste,
Eu perdoei tambem.
Sanctificaste os miseros ;
Curvei-me reverente
A *elles* tão somente,
Somente... á mais ninguem !

« Ninguem ! que á nada humilho-me
Na terra, nem no espaço !...
Pode ferir meu braço..
— « Lucas ! não pode, não !
Misero ! a mão que abrira
De tua mãe a cova...
O golpe hoje renova !..
Mata-me !. E' teu irmão !...»

.....



CREPUSCULO SERTANEJO

A tarde morria ! Nas aguas barrentas
As sombras das margens deitavam-se longas ;
Na esguia atalaia das arvores seccas
Ouvia-se um triste chorar de arapongas.

A tarde morria ! Dos ramos, das lascas,
Das pedras, do lichen, das heras, dos cardos,
As trevas rasteiras com o ventre por terra
Sahiam, quaes negros, crueis leopardos.

A tarde morria ! Mais funda nas aguas
Lavava-se a galha do escuro ingazeiro.
Ao fresco arrepio dos ventos cortantes
Em musico estalo rangia o coqueiro.

Sussurro profundo ! Marulho gigante !
Talvez um silencio !... Talvez uma orchestra...
Da folha, do calix, das azas, do insecto.
Do atomo á estrella... do verme—á floresta !...

As garças mettiam o bico vermelho
Por baixo das azas — da brisa ao açoite ;
E a terra na vaga de azul do infinito
Cobria a cabeça co'as pennas da noite !

Somente por vezes, dos jungles das bordas
Dos golfos enormes d'aquella paragem,
Erguia a cabeça surpreso, inquieto,
Coberto de limos — um touro selvagem.

Então as marrecas, em torro boiando,
O vôo encurvavam medrosas, á tôa...
E o tímido bando pedindo outras praias
Passava gritando por sobre a canôa !..

.....



O BANDOLIM DA DESGRAÇA

Quando de amor a Americana douda
A moda tange na febril viola,
E a mão febreanta sobre a corda fina
Nervosa, ardente, sacudida rola.

A gusla geme, s'estorcendo em ancias,
Rompem gemidos do instrumento em pranto...
Chôro indizível... comprimir de peitos...
Queixas, soluços... desvairado canto !

E mais dorida a melodia arqueja !
E mais nervosa corre a mão nas cordas !...
Ai ! tem piedade das creanças louras
Que soluçando no instrumento acordas !...

« Ai ! tem piedade dos meus seios tremulos... »
Diz estalando o bandolim queixoso.
... E a mão palpita-lhe apertando as fibras..
E fere, e fere em dedilhar nervoso !...

Sobre o regaço da mulher trigueira
Douda, cruel, a execução delira !...
Então—co'as unhas cor de rosa, a moça,
Quebrando as cordas, o instrumento atira !...

.....

Assim, desgraça, quando tu, maldita !
As cordas d'alma delirante vibras...
Como os teus dedos espedaçam rijos...
Uma por uma do infeliz as fibras !

— Basta—, murmura esse instrumento vivo.
— Basta—, murmura o coração rangendo.
E tu, no entanto, n'um rasgar de arterias,
Feres lasciva em dedilhar tremendo.

Creuça, esperança, mocidade e gloria,
Aos teus harpejos,— gemebundas morrem !...
Resta uma corda...—a dos amores puros...
E mais ardentes os teus dedos correm !...

E quando farta a cortezã cançada
A pobre gusla no tapete atira,
Que resta ?...—u'a alma, que não tem mais vida!
Olhos sem pranto ! desmontada lyra !

A CANOA PHANTASTICA

Pelas sombras temerosas
Onde vae esta canôa ?
Vae tripolada ou perdida ?
Vae ao certo ou vae á tôa ?

Semelha um tronco gigante
De palmeira, que s'escôa...
No dorso da correnteza,
Como boia esta canôa!...

Mas não branqueja-lhe a vela !
N'agua o vento não resôa !
Serão phantasmas que descem
Na solitaria canôa ?

Que vulto é este sombrio
Gelado, immovel na prôa ?
Dir-se-hia o genio das sombras
Do inferno sobre a canôa !...

Foi visão ? Pobre creança !
Á luz, que dos astros cõa,
É teu, Maria, o cadaver,
Que desce nesta canôa ?

Cahida, pallida, branca !...
Não ha quem d'ella se dôa ?!...
Vão-lhe os cabellos á rastos
Pela esteira da canôa !...

E as flores roseas dos golfos,
— Pobres flores da lagôa,
Enrolam-se em seus cabellos
E vão seguindo a canôa !...

.....



O SÃO FRANCISCO

Longe, bem longe dos cantões bravios,
Abrindo em alas os barrancos fundos ;
Dourando o collo aos perennaes estios,
Que o sol atira nos modernos mundos ;
Por entre a grita dos feraes gentios,
Que acampam sob os palmeiraeas profundos ;
De São Francisco a soberana vaga
Leguas e leguas triumphante alága !

Ante-manhã, sob o sendal da bruma,
Elle vagia na vertente ainda,
— Lympha amorosa — co'a nitente espuma
Orlava o seio da Mineira linda ;
Ao meio dia, quando o solo fuma
Ao bafo morto de u'a calma infinda,
Viram-no aos beijos do lamber demente
As rijas formas da cabocla ardente.

Insano amante ! Não lhe mata o fogo
O deleite da indigena lasciva . .
Vem—á busca talvez de desafogo
Bater á porta da Bahiana altiva.
Nas verdes cannas o gemente rogo
Ouve-lhe á tarde a tabarôa esquivã . .
E talvez por magia . . á luz da lua
Molle a creança na caudal fluctua.

Rio soberbo ! tuas aguas turvas
Por isso descem lentas, peregrinas . . .
Adormece ao pé das palmas curvas
Ao musico chorar das casuarinas !

Os poldros soltos—retezando as curvas,
Ao galope agitando as longas crinas,
Rasgam alegres—relinchando aos ventos
De tua vaga os turbilhões barrentos.

E tu desces, ó Nilo brasileiro,
As largas *ypoeiras* alagando,
E das aves o côro alviçareiro
Vae nas balsas teu hymno modilhando !
Como pontes aerias—do coqueiro
Os cipós escarlates se atirando,
De grinaldas em flor tecendo a arcada
São arcos triumphaes de tua estrada !.. -



A CACHOEIRA

Mas subito da noite no arrepio
Um mugido soturno rompe as trevas...
Titubantes—no alveo do rio—
Tremem as lapas dos titães coevas !...
Que grito é este sepulchral, bravo,
Que espanta as sombras ululantes, sevas ?...
E' o brado atroador da catadupa
Do penhasco batendo na garupa !...

Quando no lôdo fertil das paragens
Onde o Paraguassú rola profundo,
O vermelho novilho nas pastagens
Come os caniços do torrão fecundo ;
Inquieto elle aspira nas bafagens
Da negra suc'ruiuba o cheiro immundo.
Mas já tarde...silvando o monstro vôa...
E o novilho preado os ares trôa !

Então doudo de dor, sanie babando,
Com a serpente no dorso parte o touro...
Aos bramidos os valles vão clamando,
Fogem as aves em sentido choro...
Mas subito elle ás aguas o arrastando
Contrae-se para o negro sorvedouro...
E enrolando-lhe o corpo quente, exangue,
Quebra-o nas roscas, donde jorra o sangue.

Assim dir-se-hia que a caudal gigante
—Larga sucuruiuba do infinito—
Co'as escamas das ondas coruscante
Ferrara o negro touro de granito !...

Horrido, insano, triste, lacerante
Sobe do abysmo um pavoroso grito..
E medonha á suar a rocha brava
As pontas negras na serpente crava !...

Dilacerado o rio espadanando
Chama as aguas da extrema do deserto..
Atropella-se, empina, espuma o bando...
E em massa rúe no precipicio aberto.
Das grutas nas cavernas estourando
O coro dos trovões travam concerto..
E ao vel-o as aguias tontas, eriçadas
Cáem de horror no abysmo estateladas.

A cachoeira ! Paulo Affonso ! O abysmo !
A briga colossal dos elementos !
As garras do Centauro em paroxismo
Raspando os flancos dos parceis sangrentos.
Relutantes na dor do cataclysmo
Os braços do gigante suarentos
Aguentando a ranger (espanto ! assombro !)
O rio inteiro, que lhe cáe no hombro !

Grupo enorme do fero Laconte
Vira a Grecia acolá e a luta estranha !.
Do sacerdote o punho e a rôxa fronte.
E as serpentes de Ténedos em sanha !.
Por hydra—um rio ! Por augure—um monte !
Por aras de Minerva—uma montanha !
E em torno ao pedestal laçados tredos,
Como filhos chorando-lhe—os penedos.



UM RAIO DE LUAR

Alta noite elle ergueu-se hirto, solemne,
Pegou da mão da moça. Olhou-a fito...

Que fundo olhar !

Ella estava gelada, como a garça,
Que a tormenta ensopou longe do ninho
No longo mar.

Tomou-a no regaço.. assim no manto
Apanha a mãe a creancinha loura,
Tenra a dormir.
Apartou-lhe os cabellos sobre a testa
Pallida e fria... Era talvez a morte..
Mas a sorrir.

Pendeu-lhe sobre os labios. Como treme
No somno aza de pombo, assim tremia-lhe
O resomnar.
E como o beija-flôr dentro do ovo,
Ia-lhe o coração no niveo seio
A titilar.

Morta não era ! Emtanto um rir convuiso
Contrahira as feições do homem silente
— Riso fatal.
Dir-se-hia que antes a quizera rija
Inteiriçada pela mão da noite
Hirta, glacial !

Um momento de braços sobre o abysmo
Elle, embalando-a, sobre o rio negro
Mais s'inclinou.

N'esse instante o luar bateu-lhe em cheio,
E um riso á flôr dos labios da creança
Á flux boiou !

Qual o murzelo do penhasco á borda
Empina-se e cravando as ferraduras
Morde o escarceo ;
Um calafrio percorreu-lhe os musculos...
O vulto recuou !... A noite em meio
Ia no céo !



DESPERTAR PARA MORRER

—« Acorda ! »

—« Quem me chama ? »

—« Escuta ! »

—« Escuto... »

—« Nada ouviste ? »

—« Inda não... »

—« E' porque o vento

Escaceou.»

—« Ouço agora... da noite na calada

Uma voz que resomna cava e funda

E após cançou ! »

—« Sabes que voz é esta ? »

—« Não ! semelha

Do agonisante o derradeiro engasgo,

Rouco estertor... »

E calados ficaram, mudos, quedos,

Mãos contrahidas, bocas sem alento...

Hora de horror !...



LOUCURA DIVINA

— « Sabes que voz é esta ? »

Ella scismava !.

— « Sabes, Maria ? »

— « E' uma canção de amores,
Que além gemeu ! »

— « E' o abismo, creança !. »

A moça rindo

Enlaçou-lhe o pescoço :

— « Oh ! não ! não mintas
Bei sei que é o céu ! »

—«Doida! doida! é a voragem que nos chama!..»

—«Eu ouço a liberdade ! »

—« E' a morte, infante !

— « Erraste. E' a salvação ! »

— « Negro phantasma é quem me embala o esquife ! »

— « Loucura ! E' tua Mãe . . O esquife é um berço,
Que boia n'amplidão ! »

— « Não vês os pannos d'agua como alvejam
Nos penedos ?. Que gelido sudario

O rio nos talhou

— « Veste-me o setim branco do noivado...

Roupas alvas de prata... alventes dobras...

Veste-me !.. Eu aqui estou ! »

— « Já na proa espadana, salta a espuma

— « São as flores gentis da lorangeira

Que o pego vem nos dar...

Oh ! nevoa ! Eu amo teu sendal de gaze !.

Abram-se as ondas como virgens louras,

Para a esposa passar !.

« As estrellas palpitam !—São as tochas !
Os rochedos murmuram !...—São os monges !
Resa um órgão nos céus !
Que incenso !—Os rôlos que do abysmo voam !
Que thuribulo enorme—Paulo Affonso !
Que sacerdote !— Deus... »

..



A' BEIRA DO ABYSMO

E DO INFINITO

A celeste Africana, a virgem — Noite
Cobria as faces.. Gotta a gotta os astros
Cahiam-lhe das mãos no peito seu...
Um beijo infindo suspirou nos ares...
.....
A canôa rolava !. Abriu-se a um tempo
O precipicio !... e o céu !...

FIM

NOTA

Lê-se no DEZSEIS DE JULHO :

« Depois de quatorze legoas de viagem, desde foz do Rio de S. Francisco, chega-se a esta choeira, de que se contam tantas grandezas abulosas.

« Para bem descrevel a, imaginae uma colossal figura de homem sentado com os joelhos e os braços levantados, e o rio de S. Francisco caindo com toda sua força sobre as costas. Não podereis vêr sem estar trepado em um dos braços, ou em qualquer parte que lhe fique ao nível ou á cavalleiro sobre a cabeça.

« Parece arrebear de debaixo dos pés, como formosa cascata de Tivoli junto á Roma. Um rugir surdo e continuado, como os preparos para um terremoto, serve de acompanhamento musica estrondosa de variados e diversos sons, produzidos pelos choques das aguas. Quer ellas venham correndo velocissimas ou saltando por

cima das cristas de montanhas ; quer indo em grandes massas de encontro a ellas, e dellas retrocedendo, cahindo em borbotão nos abyssos e delles se erguendo em humida poeira, quer torcendo-se nas vascas do desespero, ou levantando-se em espumantes escarcéos ; quer estourando como uma bomba ; quer chegando se aos vae-vens, e brandamente e com espadanas ou em focos de escuma alvissima como arminhos, — é um espectaculo assombroso e admiravel.

« A altura da grande quéda foi calculada em 362 palmos. Ha 17 cachoeiras, que são verdadeiros degráus do alto throno, onde assentou-se o gigante de nome Paulo Affonso.

« Muitas grutas apresentam os rochedos deste logar, sombrias, arejadas, arruadas de crystallinas areias, banhadas de frigidias lymphas.

« S. M. o Imperador visitou esta cachoeira na manhã de 20 de Outubro de 1859. O Presidente das Alagôas, Dr. Manoel Pinto de Souza Dantas, teve a idéa de erigir um monumento á visita imperial. »

(Transcripto do *Diario da Bahia.*)

APPENDICE DA SEGUNDA EDICÇÃO

O VIDENTE

Virá o dia da felicidade e
justiça para todos.

(*Isaias*).

I

A's vezes, quando á tarde, nas tardes brazileiras,
A scisma e a sombra descem das altas cordilheiras;
Quando a viola accorda na choça o sertanejo,
E a linda lavadeira cantando deixa o brejo;
E a noite — a freira santa — no orgão das florestas
Um psalmo preludia nos troncos, nas giestas;
Si acaso, solitario, eu passo nas picadas,
Que torcem-se escamosas nas lapas escarpadas:
Encostø sobre as pedras a minha carabina,

Junto ao meu cão que dorme nas sarças da collina,
E, como uma harpa eolia entrega ao tom dos ventos
Estranhas melodias, estranhos pensamentos,
Vibram-se as cordas d'alma, emquanto absorto scismo.
Senhor! Vendo tua sombra curvada sobre o abysmo
Colher a prece alada, o canto que esvoaça
E a lagrima que orvalha o lyrio da desgraça ;
Então, n'um santo extasi, escuto a terra e os céos :
E o vacuo se povôa de tua sombra, oh Deus !

II

Ouço o cantar dos astros no mar do firmamento,
No mar das mattas virgens ouço o cantar do vento.
Aromas que se elevam, raios de luz que descem,
Estrellas que despontam, gritos que se esvaecem ,
Tudo me traz um canto de immensa poesia,
Como as primicias santas da *grande prophacia* !
Tudo me diz que o Eterno na idade promettida
Ha de beijar na face a terra arrependida.
E desse beijo santo, desse osculo sublime,
Que lave a iniquidade, a escuridão, o crime,
Hão de nascer virentes nos campos das idades
Amores, esperanças, crenças e liberdades...
Então, n'um santo extasi, escuto a terra e os céos,
E o vacuo se povôa de tua sombra, oh Deus !

III

E, ouvindo nos espaços as louras utopias
Cantarem do futuro as doces melodias,
Dos povos, das idades a nova promessa. . . .
Me arrasta ao infinito a aguia da inspiração !
Então me arrojado ousado das eras atravéz,
Deixando estrellas, seculos volverem-se a meus pés,
Porque em minh'alma sinto ferver enorme grito,
Ante o estupendo quadro das telas do infinito. . . .
Que faz qu'em santo extasi eu veja a terra e os céos
E o vacuo povoado de tua sombra, oh Deus !

IV

Eu vejo a terra livre. . . como outra Magdalena,
Banhando a fronte pura na viração serena,
Da urna do crepusculo verter nos céus azues
Perfumes, luzes, preces, curvada aos pés da Cruz.
No mundo, tenda immensa da humanidade inteira,
Que o espaço tem por tecto, o sol tem por lareira,
Feliz, se aquece unida a universal familia.
Oh ! dia sacrosanto em que a justiça brilha !
Eu vejo em ti das ruinas angustas do passado
O velho sacerdote, vetusto e venerado,
Colher a parasita — a santa flor do culto

Como o coral brilhante do mar na vaga occulto.
Já não innunda o templo a vil superstição ;
A fé, — a pomba mystica — e a aguia da razão,
Unidas se levantam do valle escuro d'alma
Ao ninho do infinito voando em noite calma.
Mudou-se o sceptro ferreo — esse aguilhão dos povos
Na virga do propheta coberta de renovos,
E o velho cadafalso horrendo e corcovado,
Ao poste das idades por irrisão ligado,
Parece embalde cobrir com as mãos a fronte,
Abutre que esqueceu que o sol vem no horizonte...
Vêde as crianças louras — aprendem no Evangelho
A letra que commenta algum sublime velho !
Em toda a fronte ha luzes, em todo o campo flores—
Em toda a parte vida, em todo seio amores !
Emquanto sob as vinhas a ingenua camponeza
Enlaça ás negras tranças a rosa da deveza,
Dos Sahara africanos, dos gelos da Siberia,
Do Caucaso, dos campos dessa infeliz Iberia,
Dos marmores lascados da terra santa homerica
Dos campos, das savanas desta soberba America
Prorompe o hymno livre, o hymno do trabalho ;
E ao canto dos obreiros, da orchestra audaz do malho,
O ruido se mistura da imprensa, das idéas....
Todos da liberdade forjando as epopéas,
Todos com as mãos callosas, todos banhando a fronte
No sol da independencia que irrompe no horisonte !

V

Oh ! Escutae ! Ao longe vago rumor se eleva,
Como o trovão que ouviu-se quando, na escura treva,
O braço omnipotente rolou Satan maldito !
E' outro condemnado ao raio do infinito,
E' o retumbar por terra desses escuros paços,
Desses serralhos negros, desses Egens devassos,
Saturnos de granito feitos de sangue e ossos,
Que bebem a existencia do povo nos destroços. !

VI

Emfim a terra é livre ! Emfim lá do Calvario
A aguia da liberdade no immenso itinerario
Vôa do Calpe brusco ás cordilheiras grandes,
Dos cimos do Hymalaya ao pincaros dos Andes,
Quebraram-se as cadeias, é livre a terra inteira !
A humanidade marcha com a Biblia por bandeira ;
São livres os escravos ! . . . quero empunhar a lyra !
Quero que est'alma ardente um canto audaz desfira,
Quero enlaçar meu hymno aos murnures dos ventos
A's harpas das estrellas, ao mar, aos firmamentos !

Mas ai ! longos genidos de miseros captivos,
Tinidos de mil ferros, soluços convulsivos,
Vêm-me bradar nas sombras como fatal vedêta :
—« Que pensas, moço triste ? Que sonhas tu, poeta ! »
Então curvo a cabeça de raios carregada
E, atando bronzea corda á lyra amargurada,
O canto da agonia arrojô á terra, aos céos
E ao vacuo povoado de tua sombra, oh Deus !

VOLTA DA PRIMAVERA

Ai, não maldigas minha fronte pallida,
E o peito gasto a refterver de amores,
Vegetam louros —na caverna esqualida
E a sepultura se reveste em flores.

Bem sei que um dia o vendaval da sorte
Do mar lançou-me na gelada areia.
Serei... que importa ! D. Juan da morte,
Dá-me o teu seio —e tu serás Haydeia !

Pousa esta mão —nos meus cabellos humidos...
Ensina a brisa ondulações suaves !
Dá-me um abrigo nos teus seios tumidos !
Falla !... que ouço o pipilar das aves !

Ja viste ás vezes, quando o sol de Maio
Innunda o valle, o mattagal e a veiga !
Murmura a relva « Que suave raio »
Responde o ramo « Como a luz é meiga ! »

E, ao doce influxo do clarão do dia,
O junco exausto, que cêdera á enchente
Levanta a fronte da lagôa fria . . .
Mergulha a fronte na lagôa ardente . .

Se a natureza apaixonada acorda
Ao quente afago do celeste amante,
Diz ! . . . Quando em fogo o teu olhar transborda,
Não vês minh'alma reviver ovante ?

E' que teu riso me penetra n'alma —
Como a harmonia de uma orchestra santa
E' que teu riso tanta dôr acalma . . .
Tanta descrença ! . . Tanta angustia ! Tanta !

Que eu digo ao vêr tua celeste fronte :
O céo consola toda a dôr que existe :
Deus fez a neve para o negro monte !
Deus fez a virgem para o bardo triste .



RECITATIVO

Se eu te dissesse, que scindindo os mares,
Triste pendido sobre a vitrea vaga ;
Eu desfolhava de teu nome as petalas,
Ao salso vento, que as marés affaga.

Se eu te dissesse, que por ermos cimos,
Por invios trilhos de um paiz distante ;
Teu casto riso, teu olhar celeste,
Ungia o labio ao viajor errante.

Se eu te dissesse, que do valle ao cerro,
Da ermida á serra, da chapada á selva,
Juncto commigo vagueiou tua alma,
Juncto commigo permoitrou na relva.

Se eu te dissesse, que tu és a concha,
Que o peregrino traz da terra santa ;
Mago amuleto que no seio mora,
Doce reliquia, talismam que encanta.

Se eu te dissesse que tu és a rosa,
Que ornava o gorro ao menestrel divino ;
Cruz que o templario conchegava ao peito.
Quando nas naves reboava o hymno.

Se eu te dissesse, bella fôr das sallas,
Que eu dei teu nome do sertão ás flôres ;
E que na trova em que os pastores gemem,
Por ti, creança, improvisei, de amores.

Se eu te dissesse que tu és, senhora,
O anjo da guarda que me orvalha as preces ;
Se eu te dissesse, — foi talvez mentira — ,
Se eu te dissesse tu talvez disseses.



DERRADEIRO AMOR DE BYRON

N'um desses dias em que o Lord errante
Resvallando em coxins de seda molle..
A laureada e pallida cabeça
Sentia-lhe emballar essa condessa
Essa languida e bella Guiccioli...

N'uma dessas manhãs em que Ravena
Vaidosa de seu *child* peregrino
Sacudindo a poeira dos palacios
Ao morno vento que lhe vem dos Lacios
Amornava-se ao sopro bysantino.

Quando aquella mão regia de Madona
Tomava aos hombros essa cruz insana..
E do Gianor o lugubre segredo
E esse crime indizível de Manfredo
Madornavam aos pés da Italiana.

N'uma dessas manhãs em que a moça
Sorrindo-se dos beijos ao resabio,
Cantava como um'ave ou uma creança.
Ella sentio que um riso de esperança
Abria-lhe do amante labio a labio...

A esperança !! A esperança no precito !...
A esperança nesta alma agonisante!...
E mais livida e branca do que a cêra
Ella disse a tremer : — Jorge, eu quizera
Saber qual seja... vossa nova amante ?...

Como o sabes ? Confessas ? Sim, confesso.
E o seo nome... — Qu'importa ? — Falla, alteza
Que chamma douda teu olhar espalha..
E's ciumenta ? ... Mylord, eu sou de Italia—
Vingativa ? ... Mylord, eu sou princeza...

Queres saber então qual seja o archanjo,
Que inda vem me enlevar o ser corrupto ?
O sonho que os cadaveres renova,
O amor que ao lazaro levantou da cova
O ideal de Satan ?... — Eu vos escuto !

Olhai, senhora.. alem destas cortinas,
O que vêdes ? —Eu vejo a immensidade !.
E eu vejo a Grecia... e sobre a plaga errante
Uma virgem chorando... — E' a vossa amante ?
—Tu disseste-o, Condessa !. E' a *Liberdade* !.



ANCEIOS

Oh ! pallida Madona de meus sonhos
Bella filha dos cerros do Ingady,
Vem inspirar os cantos ao poeta
Rosa branca da lyra de David.

Todo o amor que em meo peito repousava
Como orvalho nas noites de relento
A teos pés elevou-se como a nevoa
Que se perde no azul do firmamento.

Aqui, além, mais longe, em toda a parte,
Meu pensamento segue os passos teos,
Eu sou a tua sombra, se tu és a minha luz,
Eu sou teu lago, se tu és meos céos.

A tarde, quando chegas á janella
Com as tranças soltas onde suspira o vento,
Minh'alma te contempla de joelhos
A teus pés vae gemer meu pensamento.

Quando hontem á noite no theatro
Te ouvindo a voz altiva e peregrina,
Eu apertava o seio murmurando :
Oh ! mata-me de amor, mulher divina.

Cantaste e a aura suspirosa
Veio n'alma accender-me mais desejos
Dir-se-hia que as notas eram doces
Como o sussurro de amorosos beijos.

Oh ! diz-me, diz-me qu'inda posso um dia
Em teus labios beber o mel dos Céos,
Que eu te direi : Mulher de meos amores,
Amar-te inda é melhor do que ser Deos.



ADEUS, MEU CANTO

Adeus, meu canto ! E' a hora da partida...
O oceano do povo se encapella.
Filho da tempestade, irmão do raio,
Lança teu grito ao vento da procella.

O inverno envolto em mantos de geada
Cresta a rosa da crença, que se erguera...
Ave de arribação, vôa, annuncia
Da liberdade a sancta primavera.

E' preciso partir ; aos horisontes
Mandar o grito errante da vedeta.
Ergue-te, ó luz!—Estrella para o povo,
—Para os tyrannos lugubre cometa.

Adeus, meu canto ! Na revolta praça
Ruge o clarim tremendo da batalha.
Aguia— talvez as azas te espedacem—
Bandeira—talvez rasgue-te a metralha.

Mas não importa a ti, que no banquete
O manto sybarita não trajaste ;
Que, se louros não tens na altiva frente,
Tambem da orgia á c'róa renegaste.

A ti, que herdeiro de uma raça livre
Tomaste o velho arnez e a cota de armas,
E no ginete que escarvava os valles
A corneta esperaste dos alarinas.

E' tempo agora p'ra quem sonha a gloria
E a lucta... a lucta - essa fatal fornalha,
Onde referve o bronze das estatuas,
Que a mão dos seculos no futuro talha !...

Parte, pois, solta livre aos quatro ventos
A alma cheia de crenças do poeta !...
Ergue-te, ó luz ! — Estrella para o povo,
—Para os tyrannos lugubre cometa.

Ha muita virgem que ao prostíbulo impuro
A mão do algoz arrasta pela traça ;
Muita cabeça de ancião curvada,
Muito riso affogado de creança.

Dirás á virgem : minha irmã,espera,
Eu vejo ao longe a pomba do futuro.
—Meu pae, dirás ao velho, dá-me o fardo,
Que atropella-te o passo mal seguro..

A' cada berço levarás a creança .
A' cada campa levarás o pranto ;
Nos berços nós, nas sepulturas rasas
—Irmão do pobre—viverás, meu canto.

E pendido através de dous abysmos,
Com os pés na terra e a fronte no infinito,
Traz a benção de Deus ao captiveiro,
Levanta a Deus do captiveiro o grito.

II

Eu sei que ao longe na praça
Ferve a onda popular,
Que as vezes é pelourinho,
Mas poucas vezes altar ;
Que zomba do bardo attento,

Curvo ao murmurio do vento
Nas florestas do existir
Que babam fêl e ironia
Sobre o ovo da utopia,
Que guarda a ave do porvir.

Eu sei que o odio, o egoismo,
A hypocrisia, a ambição,
Almas escuras de grutas,
Onde não desce um clarão,
Peitos surdos ás conquistas,
Olhos fechados ás vistas,
Vistas fechadas á luz,
Do poeta solitario
Lançam pedras no Calvario,
Lançam blasphemias á cruz.

Eu sei que a raça impudente
Do scriba, do phariseu,
Que ao Christo eleva o patibulo,
A' fogueira a Galileu,
E' o fumo da chamma vasta,
Sombra, que o seculo arrasta,
Negra, torcida a seus pés ;
Tronco enraigado no inferno,
Que se arqueia sempre eterno,
Das edades atravéz.

E elles dizem reclinados
Nas festas de Balthazar :
« Que importunio é este, que canta
« Lá no Eufrate á soluçar ?
« Pende aos ramos do salgueiro
« A lyra do captiveiro,
« Propheta de maldição.
» Ou cingindo a angusta fronte
« Com as rosas de anacreonte,
« Canta o amor e a criação ! . . »

Sim ! canta o campo, as selvas,
As tardes, a sombra, a luz,
Soltar sua alma com o bando
Das borboletas azues,
Ouvir o vento, que geme,
Sentir a folha, que treme,
Como um seio, que pulou,
Das mattas entre os desvios
Passar nos antros sombrios
Por onde o jaguar passou ;

E' bello !. E já quantas vezes
Não saudei a terra, o céu,
E o universo—Biblia immensa,
Que Deus no espaço escreveu ?! . . .
Que vezes nas cordilheiras,

Ao canto das cachoeiras
Enlacei minha canção,
Escutando as ventanias,
Vagas, tristes prophecias,
Gemerem na escuridão ?!

Já também amei as flores,
As mulheres e o arrebol,
E o sino, que chora triste
Ao morno calor do sol.
Ouvi saudoso a viola,
Que sertanejo consola
Junto á fogueira do lar,
Amei a linda serrana
Cantando a molle tyranna
Pelas noite de luar.

Da infancia o tempo fugindo
Tudo mudou-se em redor
Um dia passa em minha alma
Das cidades o rumor.
Sôa a idéa, sôa o malho,
O cyclope do trabalho
Repara o raio do sol.
Tem o povo—mar violento—
Por auras—o pensamento,
A verdade—por pharol.

E o homem—vaga que nasce
No oceano popular,
Tem que impellir os espiritos,
Tem uma plaga a buscar.
Oh ! maldição ao poeta,
Que foge—falso propheta—
Nos dias de provação !
Ou mistura o tosco iambo,
E o tyrso do dythirambo
No poema da afflicção ! . . .

«Trabalhar ! » brada nas sombras
A voz immensa de Deus.
«Braços, voltae-vos p'ra terra,
Frontes, voltae-vos p'ra os céos.
Poeta, sabio, selvagem,
Vós sois a sancta equipagem
Da não da civilisação.
Marinheiro—sóbe aos mastros,
Piloto - estuda nos astros,
Gageiro—olha a cerração.»

Uivava negra a tormenta
Na enxarcia, nos mastarcos.
Uivavam nos tombadilhos
Gritos insontes de réos.
Vi a equipagem medrosa

Da morte á vaga horrorosa
Seu proprio irmão saccudir.
E bradei : « Meu canto vôa,
Terra ao longe ! terra á prôa !...
Vejo a terra do porvir ! »

III

Companheiro da noite mal dormida,
Que a mocidade vela sonhadora,
Primeira folha da arvore da vida,
Estrella, que annuncia a luz da aurora,
Da harpa do meu amor nota perdida,
Orvalho, que do seio se evapora,
E' tempo de partir... vôa, meu canto,
Que tantas vezes orvalhei de pranto.

Tu foste a estrella vesper, que allumia
Aos pastores da Arcadia nos fragnedos !
Ave, que no meu peito se aquecia
Ao murmurio talvez dos meus segredos ;
Mas hoje, que sinistra, a ventania
Muge nas selvas, ruge uos rochedos,
Condor sem rumo, errante, que esvoaçã
Deixo-te entregue ao vento da desgraça.

Quero-te assim. Na terra o teu fadario,
E' ser o irmão do escravo que trabalha ;
E' chorar junto á cruz do seu calvario,
E' bramir do senhor na bacchanalia . . .
Se—vivo—seguirás o itinerario,
Mas se—morto—rolarés na mortalha,
Terás, selvagem, filho da floresta
Nos raios e trovões hymnos de festa.

Quando a piedosa errante caravana
Se perde nos desertos peregrina,
Buscando na cidade musulmana
Do sepulchro de Deus a vasta ruina,
Olha o sol que se occulta na savana,
Pensa em Jerusalem, sempre divina,
Morre feliz, deixando sobre a estrada
O marco miliario de uma ossada.

Assim, quando essa turba horripilante
Hypocrita, sem fé, bacchante impura
Possa curvar-te a frente do gigante,
Possa quebrar-te as malhas da armadura,
Tu deixarás na liça o ferreo guante
Que ha de acolher a geração futura . . .
Mas não . . . crê no porvir, na mocidade,
Sol brilhante do cèo da liberdade,

Canto, filho do sol, da zona ardente,
D'estes cerros soberbos, altanado
Emboca a tuba lugubre, estridente
Que aprendeu a rebramir teu brado,
Levanta das orgias o presente,
Levanta dos sepulchros o passado,
Voz de ferro levanta as almas grandes
Do Amazonas ao Prata, ao Céu, aos Andes.



CARTA AS SENHORAS BAHIANAS

Pede-se donativos para uma sociedade abolicionista.

Quem pede ?

Quem pede são homens, que vos dizem simplesmente:

— Para nossos irmãos !

São escravos, que vos repetem com a monotonia da verdade :— Para nossos filhos !

E a quem se pede ?

Não é a vós, banqueiros ou milionários, ricos ou poderosos.

Não ! Ha um instincto e um pudor n'este pedido.

O pudor diz — a esmola de uma moça não humilha.

O instincto diz — O coração de uma virgem não faz economias.

Pede-se a vós, senhoras ! a vós, donzellas, á vós creanças !

A caridade pede a vós, *que sois a caridade.*

E' que o nosso coração acostumou-se a encarnar a virtude primeira do christianismo na fórma purissima da mulher — Charitas.

Symbolo divino. esta figura, cujos braços semelham duas ramas pesadas de fructos, em cujo regaço as creanças abandonadas se entrelaçam como as aves de um só ninho... , sob cujo manto cobrem-se os rús, e dormem os cançados... esta figura benefica — é a synthese de uma religião. é a deificação de uma classe !

Acolá está todo o espirito do christianismo, todo o futuro da mulher nas sociedades modernas.

De seculo em seculo os homens ganharam um palmo no terreno da liberdade e do pensamento. As victorias da mulher foram no terreno do amor.

O Christo disse aos apóstolos — Ensinai a todas as gentes! — Mas disse ás mulheres: — Amai a todas as gentes!

O amor era uma corôa; desde então a caridade foi um resplendor. Houve dilatação ne circulo dos affectos.

A estatua da esposa grega tinha os pés sobre uma tartaruga, para lembrar-lhe a immobildade do coração.

Teu universo é o —lar —

*
* *

Vêde-lhe a anthithese! Um vulto ideal de moça traz nas sandalias o pó de todos os hospitaes para lembrar-lhe a universalidade de seu coração.—A irmã de caridade tem por lar o mundo inteiro.

—E' que os antigos mal tinham solettrado n'este livro mystico, que se chama a virgem.

Para que fizeram os deuses a rosa lubrica dos labios? — Para o beijo, — dizião elles! Nós dizemos, — tambem para a prece!

A mão alabastrina da musa saphica vae bem na lyra eburnea, mas é divina levando um crucifixo á bocca de um moribundo.

Achaes formosos os cabellos da Venus marínha ainda rorejantes das perolas do oceano?!

Eu chamo de sublime á cabelleira loira da Magdalena, quando enchuga os pés do Christo.

— Depois... Quereis que vos diga a verdade? Vós tendes, minhas senhoras, o direito e o dever de protestar e condemnar n'esta questão.

Porque sois as bellas filhas d'esta idade, que se illus-

trou por George Sand e Emila Girardin, por Mme. Stael e Harriet Stowe.

Ainda mais : porque sois filhas d'esta magnifica terra da America — patria das utopias, região creada para a realisação de todos os sonhos da liberdade,—de toda extinção de preconceitos, de toda conquista moral.

A terra que realisou a emancipação dos homens, ha de realisar a emancipação da mulher. A terra, que fez o suffragio universal, não tem direito de recuzar o voto de metade da America.

E este voto é o vosso.

E' o voto d'essas mães de familia que aprenderam no amor de seus filhos a ternura pelas creanças. *ainda que negras* . . . E' o voto d'essas virgens purissimas que chorão de ver scenas repugnantes da escravidão turbando a poesia da familia.

O' mães ! O' virgens !

Protestae em nome de Maria — Mater criatoris !

Protestae em nome de — Maria a virgem — Virgo castissima !

Houve um tempo em que a matrona de Sparta levava o filho ao banquete do opprobrio e da miseria moral.

O Ilota ebrio tinha a significação de distico espartano :

Enoja-te !

Hoje a matrona leva o filho ao ergastulo da escravidão.— O escravo aviltado tem porém a significação de um verso biblico :

Compadece-te !

*
* *

Nas horas sérias da humanidade, no berço ou no tumulo das grandes coisas ; quando uma raça expira, quando um povo se ergue, quando um reino desaba, quando uma revolução se forja, um vulto eleva-se ba-

nhado nessa belleza mística da fragilidade feminil, e por cima do turbilhão das almas indecisas passa a inspiração febreuta de Cassandra—a prophetiza! de Hypathia—a metaphisica!—o punhal de Judith—a regicida! de Joanna d'Arc—a donzella! ou a penna fulgurante de Beccher—a abolicionista!

E não terá chegado um desses momentos?

Oh! que sim!

As ondas hiantes do seculo já apagaram ao longo das duas Americas todas as instituições escravocratas.

O diluvio da abolição veio lavar os continentes para as novas gerações. Só em torno desta terra brazileira é que roem as vagas a base do ultimo rochedo, que abriga as coisas que hão de morrer.

Ha uma pagina assim no—Céo e Terra—de Byron. *Ao clarão sinistro e livido, que tomou conta dos ares, os vultos dos Archanjos amorosos elevam-se do abismo, carregando nas azas refulgentes as noivas, que adoraram sobre a terra!...*

O' virgem! O cataclisma rebrama. Vamos! Estendei estas mãos alvissimas! Carregae para o céo dos livres estas creancinhas agonizadas que vos chamam balburciando!

*
* *

— E depois, vós bem sabeis, senhoras! A bondade é tambem uma belleza.

E quereis que vos diga? Eu penso que uma acção bonita deixa sempre um irradiamento no olhar, um relampago na fronte.

Ha dias em que a formosura deslumbra... é quando o anjo da guarda beijou contente a face da donzella.

Demais, o que é que vos pedem?

Pouco e muito.

— Pouco, pelo que vos ha de custar,.. Porque, emfim, as flores de um bordado nascem melhor sob vossas mãos

ligeiras, do que os lilazes aos afagos da primavera... Ao vosso halito suavissimo o velludo amoroso rebenta em lirios e em borboletas de seda... e o bastidor estrellase de missangas, como se tece de constellações uma noite luxuosa do Equador.

— Muito, pelo resultado que isto importa.

*
* *

— Imagino que estáes só.

Acabastes de ler a ultima pagina de um livro querido. do vosso escriptor predilecto, a *Pata da gazelar* talvez... e ficaes scismando... em que? no heroe, no desfecho (que sei eu?) nessas visões seraphicas que povoam os corações das virgens... Depois, como se a tristeza vão vos ficasse de matar nesta cabeça espirituosa, sacodis a onda magnetica dos cabellos e dexaes cahir entre perfumes a scisma que vos pesava como um diadema... que fazer?

Um desenho? Uma aquarella? Mas a palheta está guardada! o Album vos foi pedido por alguém. Emfim é impossivel.

Se ao menos fosseis tocar aquella musica tão bella de Gottschalk — « Ojos criouillos » que o maestro compoz adivinhando os vossos olhos!?... Mas nestes dias de inverno o piano está humido e preguiçoso: demais sois nervosas e as teclas geladas produzem um arrepio irresistivel.

Vamos, senhora, não ha remedio. Tiraes de vossa cestinha de costura estes fios de seda ou de oiro. Sentai-vos ahí junto dessa janella por onde o céu vos mira sorrindo nessa limpldez do azul. Trabalhai, creança.. assim!

Meu Deus! como sois bella! Sabeis? Sois a parodia celeste da Parca.

Tendes nos dedinhos côr de rosa o fio de uma vida... mas um fio de seda... uma vida de liberdade, tecida por vossas mãos angelicas, ó Genio de Caridade!

E agora eu vou concluir: mas antes deixai que vos lembre uma historia.

Dizem que houve um Rainha, em cujo regaço as moedas que levava aos pobres transformavam-se em flores.

Donzella! Vós tambem fazeis milagres. Em vossas mãos as flores vão se transformar em oiro para a remissão dos captivos.

S. Salvador, Abril, 1871.



MEU SEGREDO

Á SENHORA D. **

Eu tenho dentro d'alma o meu segredo
Guardado como a perola no mar,
Occulto ao mundo como a flôr silvestre
Escondida no valle a vicejar.

Eu guardo-o no meu peito... E' meu thesoiro
Meu unico thesoiro d'esta vida.

—Sonho da phantasia— flôr ephemera
Jma nuvem, talvez, no céu perdida...

Mas que importa ? E' uma crença de minh'alma
—Gota de orvalho d'alva da existencia—
Ultima flôr, que vive aos raros mornos
Do sol de amor na quadra da innocencia.

Só, quando a terra dorme solitaria
E ergue-se á meia-noite, branca a lua,
E a briza geme cantos de tristeza
Na rama—do pinheiro—que flutua ;

E quando—o orvalho pende do arvoredado
Que se debruça p'ra beixar o rio,
E as estrellas no céu scentillam languidas
—Perolas soltas de um collar sem fio ;

Então eu vou sentar-me sobre a relva
Eu vou sonhar meus sonhos ao relento,
E só conto o segredo de minha alma
Das horas mortas ao tristonho vento.

Eu sei como este mundo ri d'escarneo
D'este aereo sonhar da phantasia.
Eu sei. P'ra cada crença de noss'alma
Elle tem uma phrase de ironia...
Ah ! Deixai-me guardar o meu segredo :
D'este riso cruel eu tenho medo..

Meu segredo ?... E' o canto da poesia
Que suspirou saudoso o gonduleiro,
Que vae morrer gemente sobre as praias.

—Da despedida pranto derradeiro—
Mais aereo que as vozes da serêa
—Alta noite—sentada sobre a arêa.

Meu segredo ? E' o soluço d'alma triste,
Que conta a sua dôr á brisa errante.
E' o pulsar treslocado de meu peito
A repetir um nome dilirante.
Indeciso anhelar de edeneo gozo
Castello que eu creei vertiginoso.

Creei-o n'uma noite não dormida
Apóz vel-a entre todas—a rainha ;
Creei-o n'estas horas de delirio
Em que sentira em fogo a fronte minha
E o sangue galopava-me nas veias
E o cerebro doia-me de idéas...

E quem na vida não amára um dia ?
E nunca despertará ao som de um beijo ?
Quem nunca na vigilia empallecera
Ao seguir co'o pensar louco desejo ?
Quem não sonhára ao collo voluptuoso
Da sultana louçã morrer de gozo ?

Uma noite tentei fechar as palpebras
De balde revolvi-me sobre o leito.
A alma adejava em phantasias d'ouro,
Arfava ardente o coração no peito.
A imagem que seguia ? E' meu segredo.
Seu nome não o digo.. tenho medo.

Ai ! Dóe muito calar dentro em nossa alma
Este anhelar fremente de desejos !...
Ai ! Dóe muito calar o rozeo sonho
Que sonhamos :—dormir entre mil beijos
N'um seio que de amor todo estremece
Quando olhar de vulupias esmorece...

Dóe muito.. mas dóe mais uma ironia
Quando adeja o pensar no firmamento
Dóe muito.. mas dóe mais um desengano
Quando se vive só de um sentimento.
Quando o peito cifrou sua esperança
Em beijar da mulher a negra trança.

{ Que ventura !... aos teus languidos olhares
Beber—louco de amor—seiva de vida.
Sorver perfume em teus cabellos negros.

Sentir a alma de si mesma esquecida...
E de gozo de amar louco sedento
Vive a eternidade n'um momento !

Que ventura ! Sorver co'os labios tremulos
Em teus labios de—amor—o nome santo..
Que ventura ! Fitar-te os negros olhos
Desmaiados de amor e de quebranto...
E reclinada a fronte no teu seio
Sentir languido arfar em doce enleio...

Mas que louco sonhar... O' minha amante,
Que nunca nos meus braços desmaiaste,
Que nem sequer de amor uma palavra
Dos meus labios em fogo inda escutastes
Perdôa este sonhar vertiginoso.
Foi um sonho do peito delirioso.

E se um dia entre as scismas de tua alma
Minha imagem passar um só momento
Fita meus olhos, vê como ellos fallam
Do amor que eu te votei no esquecimento :
Recorda-te do moço que em segredo
Fez-te a fada gentil de um sonho ledoo...

Recorda-te do pobre que em silencio
De ti fez o seu anjo de poesia.
Que tresnoitou scismando em tuas graças.
Que por ti, só por ti é que vivia.
Que tremia ao roçar de teu vestido
E que por ti de amor era perdido...

Sagra ao menos uma hora em tua vida
Ao pobre que sagrou-te a vida inteira,
Que em teus olhos febril e delirante
Bebeu de amor a inspiração primeira,
Mas que de um desengano teve medo,
E guardou dentro d'alma o seu segredo !

Recife, Junho de 1863.



ESTROPHES DO SOLITARIO

Basta de covardia ! a hora sôa...
Voz ignota e fatidica resoa
 Que vem... d'onde ? — de Deus.
A nova geração rompe da terra,
E, qual Minerva armada para a guerra
 Pega a espada... olha os céus.

Sim ! de longe, das raias do futuro
Parte um grito, p'ra os homens surdo, obscuro
 Mas para os moços, não !
E' que em meio das lutas da cidade
Não ouvem o clarim da eternidade
 Que trôa n'amplidão.

Quando as praias se occultam na neblina,
E como a garça, abrindo a aza latina
Corre a barca no mar,
Se então sem freios se despenha o norte
E' impossivel parar... volver — é morte...
Só lhes resta marchar.

E o povo é como a barca em plenas vagas,
A tyrannia é o tremedal das plagas,
O porvir—a amplidão.
Homens ! esta lufada que rebenta
E' o furor da mais lobrega tormenta—;
—Ruge a revolução.

E vós cruzaes os braços... Covardia !
E murmuraes com féra hyprocrisia—
—E' preciso esperar...
Esperar?... mas o que?... que a populaça,
Este vento que thronos despedaça—
Venha abysmos cavar...

Ou quereis como o sátrapa arrogante
Que o porvir, n'ante-sala, espere o instante
Em que o deixeis subir ? !

Oh ! parai a avalanche, o sol, os ventos,
O oceano o condor, os elementos...

Porém nunca o porvir.

Meu Deus ! da negra lenda que se escreve
Com o sangue de um Luiz, no chão da Grève

Não resta mais um som !...

Em vão nos déste p'ra maior lembrança
Do mundo— a Europa, mas d'Europa—a França,
Mas da França—um Bourbon.

Desvario das fronte coroadas !

Nas paginas das purpuras rasgadas

Ninguem mais estudou !

E no sulco do tempo embalde dorme

A cabeça dos reis—semente enorme

Que a multidão plantou !...

No entanto fôra bello n'esta idade

Desfraldar o estandarte da igualdade

De Byron ser irmão...

E pródigo —na Grecia Brasileira,

Legar no testamento uma bandeira,

E ao mundo—uma nação.

Soltar ao vento a inspiração de Graccho
Envolver-se no manto de Espartaco,
 Dos servos entre a grei ;
Lincoln—o Lazaro acordar de novo,
E da tumba da infamia erguer um povo,
 Fazer de um verme—um rei.

Depois morrer... que a vida está completa
—Rei ou tribuno, Cesar ou poeta
 Que mais quereis depois ?
Basta escutar do fundo lá da cova
Dançar em vossa lousa a raça nova
 Libertada por vós...



AS TRES IRMÃS DO POETA

(E. BERTHOUD)

E' noite ! as sombras correm nebulosas,
Vão tres pallidas virgens silenciosas
Atravez da procella irrequieta.
Vão tres pallidas virgens.. vão sombrias
Rindo, collar n'um beijo as bocas frias...
Na fronte scismadora do—Poeta—

« Saúde, irmão ! Eu sou a *Indifferença*.
Sou eu quem te sepulta a ideia immensa,
Quem no teu nome a escuridão projecta...
Fui eu que te vesti do meu sudario...
Que vaes fazer tão triste e solitario?... »
—« Eu luctarei ! »—responde-lhe o Poeta.

« Saúde, meu irmão ! Eu sou a *Fome*.
Sou eu quem o negro pão consome.
O teu misero pão, misero athleta !
Hoje, amanhã, depois... depois (qu'importa !)
Virei sempre sentar-me á tua porta... »
— « Eu soffrerei ! »—responde-lhe o Poeta.

« Saúde, meu irmão ! Eu sou a *Morte*.
Suspendo em meio o hymno augusto e forte.
Marquei-te a fronte, misero propheta !
Volve ao nada ! Não sentes n'este enleio
Teu cantico gelar-se no meu seio ? ! »
— « Eu cantarei no céu »—diz-lhe o Poeta !

S. Paulo, 25 de Agosto de 1868.

HOMENAGENS

A

CASTRO ALVES

Cerebro de Spartano, ó grande sol fecundo,
Tu que a sorte choraste aos miseros escravos
Fôras Christo mostrando aos resignados bravos
A cruz da redempção — no céo do Novo Mundo

Sim, quando o abutre informe, o negro captivo
As entranhas roia a tantos infelizes
E o braço do feitor pesado, traiçoeiro,
Mais e mais lhes cavava as fundas cicatrizes ;

Quando o pae e senhor os seios assaltava
A's desgraçadas mães — roubando-lhes os filhos
Para os vender em publico a essa raça ignava,
Assim como quem vende um bando de novinhos ;

Nesse instante o bramir das mais acerbos dôres
Parecia se ouvir nos páramos dos céos !
Eras tu, eras tu, que contra os mercadores
Andavas accendendo as coleras de Deos !

Prodigo semeiador da Santa Liberdade,
C'os soluços das mães firmaste a tua gloria !
Já nada mais te resta : Um sol na eternidade
E um nome arremessado ás amplidões da Historia !

ALFREDO CEILÃO.

Bahia, 6 de Julho de 1881.

A CASTRO ALVES

Da louza de um irmão cinzas supremas
Apanhaes a gemer, oh ! Mocidade !
E para um culto eterno á Liberdade
As cinzas converteis em ricas gemmas.

Por essas boccas—magicos poemas—
Do infinito mandaes á immensidade ;
E cingis, no festim da heroicidade,
Vossas fronte de fulgidos diademas.

A's mãos cheias ao ether soberano
Atiraes estas perolas da Historia,
Que são do morto o écho sobrehumano.

E elle manda de lá, por tal victoria
Em fogo o sol, do céo americano
Catadupas de luz, raios de gloria.

A CASTRO ALVES

O envolucro teu—perola e ouro—
Chrysolida gentil, quebraste um dia.
E o novo ser, nas azas da poesia
Pairas no céu, qual astro immorredouro.

Colheu-te em um beijo o anjo meigo e louro
Radiante de luz e de harmonia.
E a *Dous de Julho* a festival Bahia
Dá-te o culto maior, que é seu thesouro.

Sobre o sepulchro teu, n'um só gemido,
Troca este povo os cantos da victoria
Por um hymno de amor, Bardo querido !

Astro, que luz ! Em paginas da Historia
Dão-te mais brilho em amplexo estremecido
A patria, as lettras, Liberdade e gloria !

DR. LUIZ ALVARES DOS SANTOS.

CASTRO ALVES

Musa liberrima, audaz!...

Castro Alves.

Quando elle arremetteu na porfiada liça
Em nome do direito, em pról da liberdade,
Tinha no verbo ingente—o raio da justiça,
Nos olhos—o fulgar supremo da verdade.

Lançava-nos da frente a grande luz siderea
N'um remontado brilho, edificante e novo.
Nelle—dizia tudo a boca da miseria ;
Nelle—pulsava inteiro o coração do povo.

Nas alas do progresso ergueram-se bandeiras,
Ao rútilo assomar do genio soberano,
—Forte, como o tapir das matas brazileiras,
—Alto, como o condor do céo americano.

E rebentou-lhe da alma a resoar no mundo,
Como um gemido só de dois milhões de escravos,
A inspiração viril, o cantico profundo,
Que estremecia a arena, alevantando os bravos.

Tudo que sóbe ao ponto em que a razão crepita...
O bello, o humanitario, o verdadeiro, o justo,
Como as constellações na abobada infinita,
Euchiam-lhe do craneo o firmamento augusto.

Servindo essa missão de arrebentar cadêas
Que lembram-nos ainda a noite do passado,
As trevas sacodia—indomito, sem pêas ;
O caucaso abalava—em pé, desassombrado.

Do espirito moderno a todas as conquistas,
Da civilisação ás mais longiquas palmas,
Elle atirava a luz das redemptoras vistas,
—O tumido clarão que ia pejando as almas.

E revolvendo o lodo escuro da senzala,
Onde se enterra viva a consciencia humana,
Nos disse—que era atroz ! que o fundo dessa valla
A nossa lei deshonra, o nosso Deus profana !

Brandindo a penna—a lança egregia dos captivos,
Vibrando a lyra—o escudo enorme dos pequenos,
Elle ensaiou da idéa os vãos mais altivos,
Elle attingio da gloria os páramos serenos.

Ao santo resplendor da consciencia pura,
Illuminava todo o abysmo de uma raça.
Souhou, como um propheta, em desmedida altura,
E era um mergulhador profundo da desgraça.

Quando ao futuro alçava os grandiosos hymnos,
Jorravam-lhe da luz e da harmonia as fontes.
Seu estro, alumiaando a patria em seus destinos,
Fulgia, como o sol doirando os horisontes.

Na firme propaganda evangelisadora,
No intuito social do grande sonho humano,
Ardia-lhe a cabeça audaz e precursora,
Tinha allucinações de um cerebro hugoano.

De bronze ou de granito, em cada estrophe sua
Vê-se um material. possível de colossos !
Diante do seu verso a escuridão recúa,
E lavram como fogo os sentimentos nossos.

Salve, poeta-heroe dos lances incruentos !
Salve, trabalhador do seculo das luzes,
Onde foste um leão dos bravos pensamentos
Que mandam que se cale á boca dos obuzes !

E olha, gigante ! exulta, apostolo das massas !
Das trevas do sepulchro ás amplidões da historia
Vae-te arrojando immensa alluvião das praças,
Porque a alma da Bahia extravasou de gloria !

Bahia — 1881.

CASTRO REBELLO JUNIOR.

MORTE DE UM POETA

Hontem foi dado á terra o cadaver de um grande poeta, que, pelo muito que honrou as letras patrias e especialmente a provincia do seu nascimento, conquistando a immortalidade mais gloriosa, não passará na onda fugidia, em que rolam e desaparecem os homens de uma existencia vulgar.

Era Castro Alves ; o genio, que entregou á propria seiva e á força de poderosissimas faculdades, ascedeu, desde o seu apparecimento, ás eminencias d'onde contemplava os horizontes que se rasgam á humanidade perfectivel, e embocando a tuba de Pindaro, marchava á frente da cruzada contemporanea, que pugna pela regeneração da especie humana degradada e escrava.

Poeta da revolução pacifica, o cantor da *Deusa incruenta*, presentiu que um novo assumpto pedia oantos inauditos ; e como toda a revolução tem seus apóstolos, seus heróes, seus poetas e seus historiadores, Castro Alves foi o genio da fecundissima reforma, que preoccupa aos politicos, aos philosophos e a todos os philantropos do paiz.

O impeto certo dos seus vãos, o rubor igneo de suas estrophes bem moldadas, o sentimento angustioso com que gemia todas as dores de povo e da raça escrava ; tudo denunciava no poeta um pensador profundo que se formava, um christão verdadeiro, um homem de letras, capaz de tentar e prefazer, na esphera em que Deus o collocára, muitas obras, além das que lega, e emprehendimentos em prol das classes opprimidas.

Apenas com vinte e quatro annos, a sua musa graciosa como as de Thomaz Moore, André Chenier, Alfred

de Musset e Espronceda, revestia-se de energica severidade para proclamar idéas livres e uteis, como o sabe ensinar o visconde de Castilho, cantor do trabalho e das escolas, e o fizeram Quintana, veterano da independencia hespanhola, e a Sra. Stowe.

Era um genio; e no recorte perfeito de seu perfil resplandecia a morbida pallidez de marmore, que a morte depois roxeou com os escuros dos seus toques. Esta imprensa que publicou sempre com justos encomios algumas de suas producções recentes, presta-lhe homenagem modesta, sobresaltada pelo seu inesperado passamento.

DR. SILVA E ALMEIDA

(*Diario da Bahia*, 8 de Julho, 1871.)

CASTRO ALVES

Ha dez annos, inspirado Poeta, chorou a patria junto a teu tumulo.

Ha dez annos, inspirado Poeta, abriu-se no coração angustiado da patria, o tumulo de tuas vinte e tres primaveras!

Matará-te a vida enorme de tua alma. Extinguirá-te a tua propria existencia. Tu foste grande como o amor, e aquelle a quem egualaste na grandeza consumiu o teu corpo como a chama gasta o facho que a ateiou.

Amaste muito: viste a mocidade, a bella chrysalida das divinas utopias, a loura virgem dos doirados so-

nhos, arrostando a existencia triste, servil, ingloria, da sultana que não tem affectos, que vive para as caricias dos beijos perfumados, e para a volupia, para o extinguir das forças, no mais perfido dos regaços, no regaço da inercia, e no teu amor ardente por ella buscaste despertá-la, vibraste as corias mais intimas de sua alma, ergueste-a da lethargia estúpida de um viver sem glórias !

Amaste muito : deante de ti a patria estorcia-se no pelourinho infamante do condemnado social, pagava um crime de tres seculos, remia uma culpa de muitas gerações, estava atada ao poste das instituições iniquas, via açoitar-lhe o rosto o rubor da sua propria vergonha, e tu na prodigiosa força de teu amor abalaste aquella enorme Cruz, e fizeste d'ella estandarte de uma immensa revolta.

Amaste muito : com o teu olhar de aguia, nos vãos do teu genio que dominavam as plainas e as serranias, entreviste um novo mundo que se estendia ao longe, sentiste o porvir, o porvir que nós aspiramos, o reinado da luz, o coração de Christo no coração dos povos, a virtude divina na fraqueza humana, e contaste o porvir, e a tua voz tinha a magestade prophetica da verdade e da justiça, e o teu immenso amor tinha as delicias supremas de quem morre pelo que ama.

Hoje que a mocidade, a patria, o porvir sagram o teu immenso espirito, hoje Poeta, eu só te posso dar as lagrimas e os sorrisos das minhas tristes alegrias.

DR. VICTORINO PEREIRA.

A CASTRO ALVES

Em nome dos escravos, em nome d'esta raça amaldiçoada ha tanto tempo, em nome da velhice rebaixada no eito, das mães e irmãs prostituidas entre os desejos sordidos dos senhores e o azorrague dos feitores; em nome das victimas do tronco, d'esses martyres obscuros que se debatem em todas as agonias — gloria a Castro Alves!

Elle o poeta de idéas alevantadas e boas, cuja lyra pôz-se á frente do soffrimento, como uma proclamação contra o erro — vae receber hoje uma esplendida sagração.

Se a humildade de minha pessoa pôde encarregar-se de atirar sobre o nome do *Poeta dos Escravos* as flôres de um punhado de martyres, eu desço ás senzalas e d'ahi — arranco os risos das criancinhas e as caricias das mães e com as mãos cheias d'estas auroras, digo diante do tumulo do poeta :

— Em nome dos escravos, gloria a Castro Alves!

6 de Julho, 1881.

LÉLLIS PIEDADE.

INDICE

	7
A tarde.....	
Maria	11
O baile na flôr.....	13
Na margem.....	15
A queimada.....	19
Lucas.....	23
Tyrana.....	26
A senzala.....	29
Dialogo dos echos.....	33
O nadador.....	39
No bareo.....	43
Adeus.....	47
Mudo e quedo.....	51
Na fonte.....	55
Nos campos.....	61
No monte.....	65
Sangue de africano.....	67
Amante	69
Anjo	71
Desespero	73
Historia de um crime.....	79
Ultimo abraço.....	83
Mãe penitente.....	87
O segredo.....	89
Crepusculo setanejo.....	95
O bandolim da desgraça.....	99
A canôa phantastica.....	103
O São Francisco.....	107
A cachoeira	111
Um raio de luar.....	115
Despertar para morrer.....	119
Loucura divina.....	121
A' beira do abysmo e do infinito.....	125
Nota.....	127

APPENDICE DA SEGUNDA EDIÇÃO

O vidente.....	131
Volta da primavera.....	137
Recitativo	139
Derradeiro amor de Byron.....	141
Anceios.....	145
Adeus, meu canto.....	147
Carta as senhoras bahianas.....	157
Meu segredo.....	163
Estrophes do sólitario.....	169
As tres irmãs do poeta.....	173

HOMENAGENS A CASTRO ALVES

De Alfredo Ceilão.....	175
Do Dr. Luiz Alvares dos Santos.....	177 e 178
De Castro Rebello Junior.....	179
Morte de um poeta (do Dr. Silva e Almeida).....	183
Castro Alves (do Dr. Victorino Pereira).....	184
A Castro Alves (de Lellis Piedade).....	186



A venda na livraria de Cruz Coutinho

75—PUA DE S. JOSE'—75

- O Conselheiro dos Amantes, collecção de diferentes modelos de cartas amorosas, 1\$000.
- Guia Luso-Brasileiro do viajante na Europa, por J. M. de Lemos, enc. 3\$000.
- O Braço de Deus, romance, enc. 3\$000.
- Memorias Historicas do Rio de Janeiro, por Pizarro, 10 vols. enc. 50\$000.
- As apprehensões de uma mãe, por Julio Diniz, 2\$, enc. 3\$000.
- Em—Paris, por Ramalho Ortigão, 2\$, enc. 2\$500.
- Maria da Conceição, victima do Desembargador Pontes Visgueiro, 2\$000.
- O Anne! Preto, historia de uma infeliz, 2 vols. 1\$500.
- As fatalidades de dous jovens, por T. e Souza, 4 vols. 3\$, enc. 4\$000.
- Acacia, scenas da vida dos Estados-Unidos, 1\$000.
- Os Novellos da Tia Philomella, por Julio Diniz, 2\$, enc. 3\$000.
- Os Bastidores do Mundo, por P. du Terrail, 3 vols. 4\$, enc. 5\$000.
- A mocidade do Rei Henrique, por P. du Terrail, 5 vols. 8\$, enc. 10\$000.
- A segunda mocidade do Rei Henrique, 2 vols. enc. 4\$000.
- Cartas do Solitario, por Tavares Bastos, enc. 3\$000.
- Carlota Angela, por Camillo C. Branco, 1\$500, enc. 2\$500.
- Collecção completa do Archivo Pittoresco, 11 vols. enc. 80\$000.
- Os Dramas do Novo Mundo, por Gustavo Aimard, 13 vols. 16\$, enc. 20\$000.
- Historia de Portugal desde os tempos mais remotos até á actualidade, por M. Pinheiro Chagas, 8 vols. enc. 28\$000.
- Mysterios da estrada de Cintra, por Ramalho Ortigão, enc. 2\$500.
- O Primo Bazilio, por Eça de Queiroz, 2\$, enc. 3\$000.
- Os Tres Mosqueteiros—Vinte annos depois—e—Visconde de Bragelona—por A. Dumas, enc. 28\$000.
- Encyclopedia do Povo e das Escolas—Manual de todos os conhecimentos humanos. Esta importante obra, ornada com 283 gravuras, com perto de 800 paginas, enc. 8\$000.
- Curso pratico de Pedagogia destinado aos alumnos mestres das escolas normaes primarias, por Daligault, trad. de Machado Portella, 2ª edição (1874), enc. 6\$000.
- O Paraizo das mulheres, por P. Feval, 2 vols. enc. 4\$000.
- O Rei do mundo, historia do dinheiro, por E. Souvestre, 2 vols. enc. 4\$000.
- Lucrecia Borgia, por F. y Gonzales, 2 vols. enc. 5\$000.
- Puritãos de Paris, por Paulo Bocage, 3 vols. enc. 7\$000.
- D. João Teunorio, por F. y Gonzales, 2 vols. enc. 5\$000.
- A Sau Felice, por A. Dumas, 3 vols. com est., enc. 8\$000.
- Um drama da regencia, por Paulo Feval, enc. 3\$000.
- Os Mysterios do Palais-Royal, por X. de Montepin, 2 vols. enc. 5\$000.
- Os Menhigos de Paris, por Clemence Robert, enc. 3\$000.
- Os Canallas de Paris, 1\$000.
- Os dramas da mocidade pobre, 1\$000.
- Historia de um crime, por V. Hugo, com est. 4\$000.
- Os Trabalhadores do Mar, por V. Hugo, 3 vols. 3\$000.
- O neto de Faublas (leitura para homens), 3 vols. 5\$000.
- O Judeu Errante, por E. Sue, enc. 14\$000.

Julio Vern.—Os navegadores do seculo XVIII, 2 vols. 6\$, enc. 8\$000.
 » » Os 500 milhões da Bugun, 3\$, enc. 4\$000.
 » » Atribuições de um chinês na China, 3\$000.
 » » A casa a vapor, 2 vols. 6\$, enc. 8\$000.
 Infaustas aventuras do mestre Marçal, estouro victima de uma paixão,
 por Mendes Leal, enc. 2\$500.

A Lei Eleitoral e suas instrucções regulamentares, seguida de um
 importante Additamento e da divisão eleitoral, annotado pelo
 Dr. Macedo Soares, 1\$500.

Os cavalheiros da noite, por Ponson du Terrail, 3 vols. 5\$, enc. 8\$.

Aurora de Luiz XV, por Ponson du Terrail, 2 vols. 3\$, enc. 4\$000.

O Rei maldicto, por Fernandes y Gervraler, 5 vols. 12\$, enc. 15\$000.

A princeza de Ursinos, por Fernandez y Gonzalez, 4 vols. enc. 12\$000.

O Dedo de Deus, por T. y Matheos, 3 vols. 6\$, enc. 8\$000.

O Diabo na Corte, por Ortega y Frias, 3 vols. 7\$, enc. 9\$000.

Vida infernal, por Gaboriau, 3 vols. 5\$, enc. 7\$000.

Banhos de Caldas de Portugal, por Ramalho Ortigão, 4\$000.

As Praias de Portugal, por Ramalho Ortigão, 4\$000.

Escrich—Amigo (O) intimo, 1\$500, enc. 2\$500.

» Amor (G) dos Amores, 3 vols. 6\$, enc. 8\$000.

» Anjo (O) da Guarda, 3 vols. 6\$, enc. 8\$000.

» Anjos (Os) da Terra, 5 vols. 9\$, enc. 2\$000.

» Calumnia (A) paginas da desgraça, 5 vols. 9\$, enc. 12\$600.

» Caridade (A) Christã, 3 vols. 6\$, enc. 8\$000.

» Casaca (O) azul, 2 vols. 3\$, enc. 4\$000.

» Casamento (O) do Diabo, 3 vols. 5\$, enc. 7\$000.

» Coração (O) nas mãos, 2 vols. enc. 7\$000.

» Cura (O) de Aldeia, 3 vols. enc. 8\$000.

» Desgraças (Os) 2 vols. enc. 5\$000.

» Dramas (Os) no mar, 5 vols. enc. 12\$000.

» Esposa Martyr, 5 vols. enc. 12\$000.

» Filhos (Os) da Fé, 3 vols. 5\$, enc. 7\$000.

» Inferno (O) d s ciumes, 3 vols. 5\$, enc. 7\$000.

» Inveja (A), 3 vols. 5\$, enc. 7\$000.

» Mãe dos Desamparados, 4 vols. 8\$, enc. 10\$000.

» Manuscripto Materno, 6 vols. enc. 15\$000.

» Martyr do Golgotha, 2 vols. enc. 6\$000.

» Mulher (A) adúltera, 4 vols. enc. 9\$000.

» Obias de Misericordia, 4 vols. enc. 9\$000.

» Os que riem e os que choram, 3 vols. enc. 7\$000.

» Pão dos Pobres, 5\$, enc. 7\$000.

» Perdição (A) da mulher, 8 vols. enc. 8\$000.

» Piano (O) de Clara, 1\$500, enc. 2\$500.

» Por bem fazer mal haver, enc. 2\$500.

» Promessa (A) Sagrada, 4 vols. enc. 8\$000.

» Prosa (A) da Gloria, 1\$500, enc. 2\$500.

» Quem tudo quer tudo perde, enc. 2\$500.

» Rico e Pobre, 1\$500, enc. 2\$500.

» Tal arvore tal fructo, enc. 2\$500.

» Um filho do Povo, enc. 2\$500.

» Violino do diabo, enc. 2\$500.

Encyclopediã das artes, collecção de 1331 processos industriaes, for-
 mulas e receitas de facil applicação para uso dos artistas e
 das familias, 2ª edição (1882) enc. 3\$000.

- Paulo de Kock.—A irmã Anna, 2\$000, enc. 3\$000.
 » » » O Bigode, 2\$000, enc. 3\$000.
 » » » O homem da Natureza, 2\$000, enc. 3\$000.
 » » » Uma mulher de tres caras, 2\$000, enc. 3\$000.
 » » » A familia Gogó.
 » » » Um Galucho, 2\$000, enc. 3\$000.
 » » » Paulo e o seu cão, 4 vols. enc. 4\$000.
 » » » O campo das Papoulas, 2 vols. 2\$000, enc. 5\$000.
 » » » O filho de minha mulher, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » Gustavo, o libertino, enc. 2\$500.
 » » » A menina da Agua-furtada, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » Uma mulher singular, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » As mulheres, o jogu e o vinho, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » O Sr. Choublanc procurando sua mulher, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » A menina das tres saias, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » O Sr. Cherami (2ª edição) 2 vols., 3\$000, enc. 5\$000.
 » » » A vereda das ameixas, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » A dama dos tres espartilhos, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » Os sete bagos d'uva, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » O amor que acaba e o amor que começa, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » A baroneza Blaguiskof, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » A menina bonita do arrabalde, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » Os pequenos regatos formam grandes ribeiros, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » O professor Fichelaque, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » O burro do Sr. Martinho, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » O Bandido Giovanni, 2 vols. 3\$000, enc. 5\$000.
 » » » Florentina, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » O neto de Cartouche, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » O amante da lua, 2 vols. 6\$000, enc. 8\$000.
 » » » O Barbeiro de Paris, 2\$000, enc. 3\$000.
 » » » A Lagôa d'Autenil, enc. 4\$000.
 » » » O homem de tres calções, 2\$000, enc. 3\$000.
 » » » A viuva Tapin, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » Um homem attribulado, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » Um marido de quem se zomba, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » O porteiro da rua da Barca, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » Zizina, 2 vols. com 4 estampas, 3\$000, enc. 5\$000.
 » » » O papá sogro, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » A Sra. Pantolon, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » Os companheiros das Tuberas, 2 vols. 3\$, enc. 5\$000.
 » » » A menina Lisa, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » O amigo Piffard Jenny—Trick, o espertalhão, 1 vol. 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » O rapaz mysterioso da esquina, 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » A familia Brailard, 2 vols. 3\$000, enc. 5\$000.
 » » » A Sra. de Monflanquin, 2 vols. 3\$000, enc. 5\$000.
 » » » Um namorado taloiro, 2 vols. 3\$000, enc. 5\$000.
 » » » Um marido perdido—um homem que deseja casar—desgraças de um inglez—1 vol. 1\$500, enc. 2\$500.
 » » » Ceriseta, 2 vols. 3\$000, enc. 5\$000.
 » » » As caixeiras, 2 vols. com 4 estampas 3\$, enc. 5\$000.

- Paulo de Kock.—Friquette, 1 vol. 1\$500, encs 2\$500.
 Puff (o) das Salas.—Mimosa collecção de recitativos colleccionados por Verissimo do Bomsucesso, 1\$000.
 Vozes da America.—Poesias de Fagundes Varella, nova edição augmentada de 13 poesias, 3\$, enc. 4\$000.
 Primavera de Casimiro de Abreu, 2\$, enc. 3\$000.
 Visão dos Tempos, por Theophilo Braga, a edição com um juizo critico de Pinheiro Chagas, 1\$500, enc. 2\$000.
 Harpejos d'Alma.—Poesias de Verissimo do Bomsucesso, 2\$000.
 Flôres do Campo.—Poesias de Ezequiel Freire, 2\$, enc. 3\$000.
 Flôres sem cheiro.—Poesias de Ferreira de Menezes, com um juizo critico de Fagundes Varella, 2\$, enc. 3\$000.
 Cantos do Brazil.—Poesias dos principaes poetas brazileiros, 1\$000.
 Poesias Posthumas de Faustino X. de Novaes, 2\$, enc. 3\$000.
 Diario de Lazaro.—Poema de Fagundes Varella, 2\$000.
 Poesias de Faustino X. de Novaes, 3 vols. enc. 9\$000.
 Obras completas de Luiz de Camões, 7 vols. enc. 7\$000.
 Cartas de um Roceiro, por Faustino X. de Novaes, 2\$, enc. 3\$000.
 Manta de Retalhos, por Faustino X. de Novaes, 2\$, enc. 3\$000.
 O Futuro.—1 gr sso vol. com romances, poesias, estompas e musicas, enc. 7\$000.
 Augusto e Olympia, romance, de Fernandes da Rocha, 2\$000.
 Isbella, lindo romance com recitativos. por F. da Rocha, 2\$000.
 Carlos.—Romance, para homens, 2\$, enc. 3\$000
 A filha sem mãe, por Gomes de Souza, 2 vols. 5\$, enc. 7\$000.
 Tardes de um pintor, ou as intrigas de um jesuita, 3 vols. 6\$000.
 A Liba.—Romance de Paulo Feval, 3 vols. 3\$000.
 Contos Nocturnos, por Barboza Rodrigues, enc. 3\$000.
 O livro de Orlina, pelo mesmo, 2\$000,
 O Sr. Saint-Roch, por E. Gaboriau, 1\$000.
 Providencia, por Augusto Sarmiento, 2\$000.
 A Constituinte perante a historia, por Homem de Mello, 2\$, enc. 3\$000.
 Amor e virtude, romance, enc. 2\$500.
 Contos alegres, por E. Blasco, 2\$, enc. 3\$000.
 Baroneza de Amor, pelo Dr. Macedo, 2 vols. 4\$000.
 Os Tribunaes Secretos, por Paulo Feval, trad. de M. Pinheiro Chagas, 5 vols. 8\$, enc. 10\$000.
 A Igreja e o Estado, por Ganganelli, 3 vols. 12\$000.
 Homenagem a Taborda, 1 vol. contendo : biographia, retrato e 7 comedias e scenas comicas, 2\$000.
 A Perdição da mulher, por Escrich, 8 vols. 6\$000.
 Echos de Roma, pelo padre Guilhermé Dias. 3\$, enc. 4\$000.
 Discursos de Vieira de Castro, 2\$, enc. 3\$000.
 Processo e julgamento de Vieira de Castro, 1\$000.
 Viagem dos Imperadores do Brazil a Europa, 2\$, enc. 3\$000.
 O Libello do Povo, por Timandro, 1\$500.
 O Desengano, por Gomes de Souza, 3\$, enc. 4\$000.
 Os Estroin-s de Paris, por Xavier de Moniepin, com estampas, 3\$, enc. 4\$000.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).